

A CASA TOMBADA
FACONNECT- Faculdades Conectadas
Gestos de escrita como prática de risco

Joana Cavalcanti de Abreu

**SOBRE ALGUNS CORPOS QUE EXISTEM AQUI,
*E EU***

Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação lato sensu
Gestos de escrita como prática de risco

Rio de Janeiro
2025

Ao pequeno grande mundo familiar, em especial, Maria Laura, Ovídio, Edmar, Luiza, Antonio e José Luiz.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a A Casa Tombada pela coerência pedagógica com que acolhe e produz mundos. Agradeço aos professores e aos colegas que, no percurso de Gestos de escrita como prática de risco, compartilharam algo que agora está em mim. Agradeço especialmente à Ângela Castelo Branco, ao João Paulo Ferreira Silva e aos colegas do núcleo escrita-experiência-erotismo, Kesly Dieny, Joana Carreiras, Livia Mota, Lorenza Gioppo e Vinicius Airumã pelas trocas e incentivos no processo dessa escrita.

RESUMO: Este trabalho se debruça sobre o corpo vivo no qual emerge um *eu*, a partir da perspectiva da autopoiese. Para a autopoiese, a vida surge de uma organização da matéria em um sistema circular e autorreferente, que borra os limites entre o dentro e o fora, enquanto cria uma identidade autônoma e coerente às próprias regras. Nesse contexto, viver, interagir e conhecer são o mesmo. Viver é interagir, interagir é conhecer, criar sentido, criar a si próprio ao mesmo tempo em que cria um mundo. Esse é o denominador comum a todos os seres vivos, dos microrganismos aos seres humanos. Nesse sistema, o corpo vivo é a fábrica, o fabricado e o fabricante. Um campo de possibilidades que é, simultaneamente, o produtor e o produto da ação. Da estrutura e funcionamento do corpo humano emerge a perspectiva subjetiva e, junto dela, a perspectiva temporal e a linguagem, que participam da experiência humana da vida. Se há algo das bactérias e plantas em mim, há também algo de muito específico ao humano. Entre outras ações, o corpo que sou *eu* dança, fala, escreve.

Palavras-chave: corpo, vida, sentido, autopoiese, experiência, escrita, erotismo

SUMÁRIO:

1. Aqui	6
2. Corpos vivos	7
3. O corpo vivo que é um <i>eu</i>	20
4. O corpo vivo que é um <i>eu</i> escreve	23
5. Operações de sentido	27
6. Bibliografia	43

LISTA DE ILUSTRAÇÕES:

Figura 1 - Amostra de corpos vivos x amostra de corpos não vivos: o que diferencia vida e não vida?	7
Figura 2 - Atravessando a porta d' A Casa Tombada: começos e meios	20
Figura 3 - Esquema em chuva de pensamento: eu, corpo vivo e Gestos de escrita como prática de risco	23
Figura 4 - Vida/Língua: processo de coemergência	27

SOBRE ALGUNS CORPOS QUE EXISTEM AQUI, E EU

1. Aqui

Aqui existem muitos corpos. Alguns são duros, densos, inertes, alguns ventam, alguns correm, alguns escorrem. Há corpos óbvios, outros são tão sutis que é difícil imaginar os seus contornos. Acontecem coisas aos corpos. Acontece de um mesmo corpo, em diferentes momentos, ventar, escorrer, endurecer. Acontece de se misturarem e se transformarem em outros corpos. Acontece de existirem e de se extinguirem. Um corpo é, primordialmente, matéria. O vácuo perfeito – a ausência total de matéria – não existe. Não há nenhum espaço totalmente vazio de matéria na Terra ou no universo. Somos corpos rodeados por corpos rodeados - é assim aqui. Dentre todos os corpos que nos rodeiam, acontece de alguns serem vivos. Dentre todos os corpos vivos, acontece de alguns serem humanos.

2. Corpos vivos

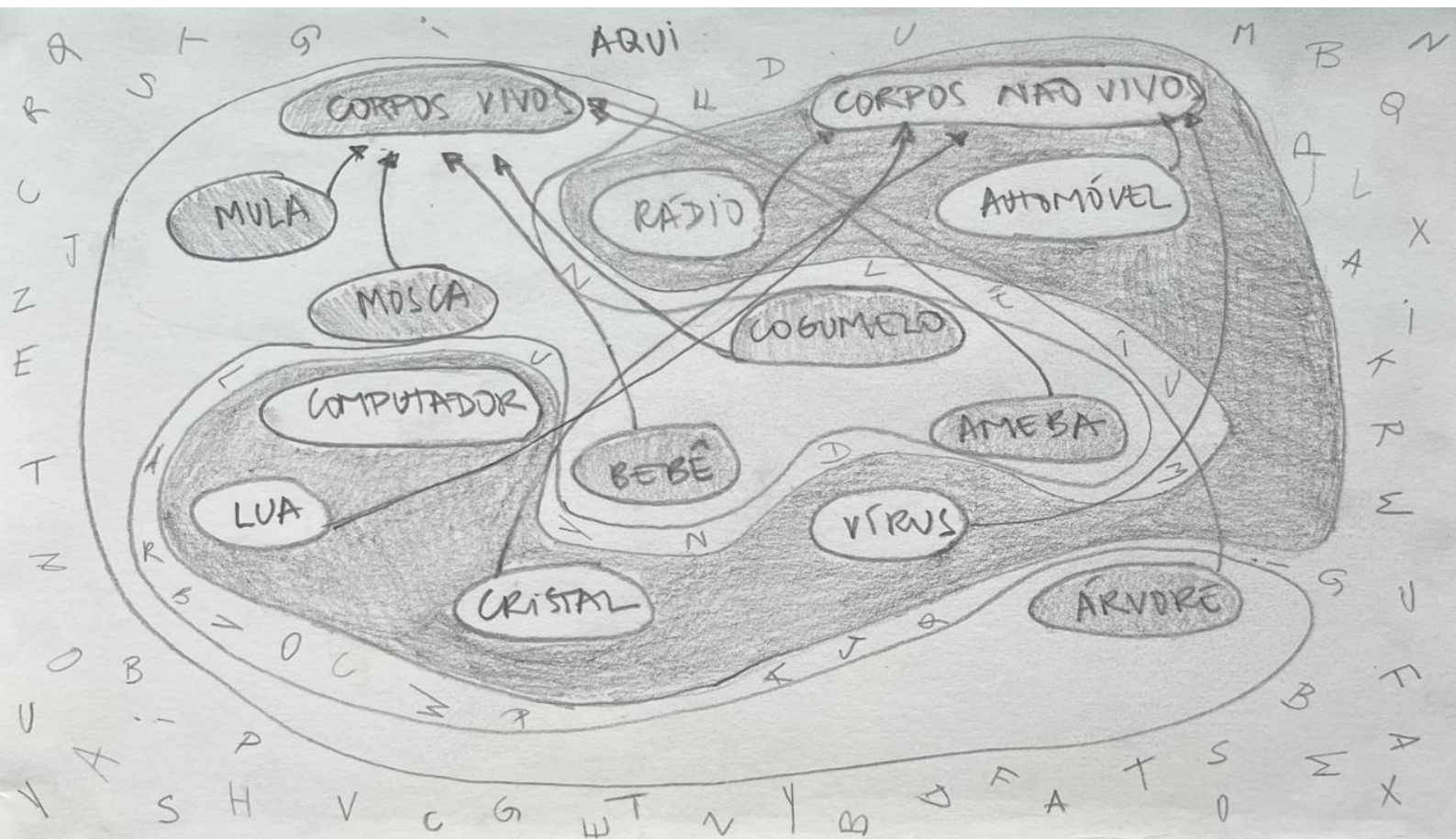


Fig.1 – Amostra de corpos vivos x amostra de corpos não vivos: O que diferencia vida e não vida? Quais qualidades estão presentes em todos os integrantes dessa amostra de corpos vivos que não estão nem podem estar presentes nos integrantes da amostra de corpos não vivos? (Apropriação da Tabela 1 de LUISI, 2023, p.51)

Corpos vivos são aqueles constituídos por matéria viva, uma matéria de organização especial propiciada pela matéria mole (STAMENOVIC; INGBER, 2008). O termo matéria mole se refere a materiais de comportamento entre o sólido e o líquido, facilmente deformados por flutuações térmicas e forças externas a partir de dinâmicas internas. São exemplos, o sorvete, a manteiga, a tinta e as células dos corpos vivos (IOP, 2025).

A matéria mole se caracteriza por uma interação entre ordem e desordem, que promove características estáveis, mas flexíveis. Duas consequências da interação entre ordem e desordem são uma grande função de resposta e a automontagem. Uma grande função de resposta significa que uma pequena mudança nas condições pode alterar drasticamente as propriedades do material mole - característica que, possivelmente, originou a vida. Automontagem significa que, sob certas condições, estruturas complexas e de propriedades peculiares podem surgir por si mesmas. A automontagem ou auto-organização ou ainda autocriação desempenha um papel fundamental nos processos vitais (IOP, 2025).

Apropriação nº 1: A vida é uma emergência da matéria flexível, vulnerável e de equilíbrio instável. Ordem e desordem são constituintes da vida. Uma vida cria as variações de si mesma.

A matéria viva é um aglomerado de matérias não vivas. O que a torna viva não são os elementos que a constituem, mas a sua organização. Uma organização especial. Diante da questão "o que é a vida?", os biólogos Maturana e Varela elaboraram, a partir da década de 1970, a teoria da autopoiese (do grego, auto: próprio; e poíesis: criação). Essa teoria buscou um denominador comum à diversidade dos seres que permitisse a discriminação entre o vivo e o não vivo. Esse denominador comum a todos os seres vivos é a capacidade de criar a si mesmos, de produzir e montar seus próprios componentes a partir de um processo interno (LUIZI, 2023).

A ideia de fronteira é fundamental nessa teoria. A fronteira é o que delimita o ambiente interno, separando-o do externo e, ao mesmo tempo em que demarca uma identidade, a fronteira possibilita a interação com o meio (LUIZI, 2023). Na autopoiese, a fronteira é sempre uma fronteira física (como a membrana celular semipermeável no caso da célula), produzida a partir do interior do organismo e fundamental no processo de manutenção de sua identidade como ser autônomo:

Dentro da fronteira de uma célula, ocorrem muitas reações e, conseqüentemente, muitas transformações químicas. No entanto, apesar de todos esses processos químicos, a célula sempre permanece ela mesma, ela mantém sua própria identidade. (...) A cadeia de processos que ocorre dentro da fronteira serve essencialmente ao propósito de autossustentabilidade, ou automanutenção. É claro que isso ocorre às custas de nutrientes e energia provenientes do meio: a célula é um sistema dissipativo e aberto. (LUISI, 2023, p.51)

A unidade autopoietica é um sistema dissipativo e aberto, ou seja, um sistema que interage com outros sistemas e que opera fora do equilíbrio termodinâmico em um ambiente com o qual troca energia e matéria. No entanto, em relação à organização interna, a unidade autopoietica é um sistema operacional fechado, na medida em que seu funcionamento, inclusive a interação com o meio, é autorreferente, ou seja, é regido pela lógica interna do sistema vivo. Nesse sentido, há uma contradição entre autonomia biológica e dependência do meio externo dentro da qual a vida opera, mas sempre regida por sua lógica interna (LUISI, 2023). A interação entre uma molécula e um sistema autopoietico, por exemplo, não é ditada pelas propriedades da molécula, mas pela maneira como ela é percebida pelo organismo vivo. Como afirma Varela, para um organismo "não há valor nutricional específico no açúcar, exceto quando (...) seu metabolismo utiliza a molécula de modo a permitir a continuidade de sua identidade" (VARELA, 2000 *apud* LUISI, 2023, p.54). Dito de outra forma:

(...) o ambiente tem sua própria dinâmica estrutural e, embora independente do organismo, não prescreve nem determina as mudanças nele ocorridas. Ele induz uma reação no organismo, mas as mudanças aceitas são determinadas pela estrutura interna do próprio organismo. (LUISI, 2023, p. 54)

Apropriação nº2: A vida se tensiona entre autonomia e dependência externa.

Apropriação nº3: Em um fora distante, açúcar, água e sol não existem para o ser vivo interessado em sua autonomia. Quando estão fora, açúcar, água, sol são neutros. Um açúcar fora não é ainda o açúcar, uma água fora não é ainda a água, um sol fora não é ainda o sol. Até se aproximarem da fronteira. Na fronteira ganham valor,

existência e sentido, a partir da lógica interna. Sentido é o valor de uma existência ao ser experimentada pela vida.

O organismo vivo extrai do ambiente algo que lhe falta “para criar o seu próprio mundo” (LUIZI, 2023, p.54). Segundo a lógica do seu sistema, voltada para a continuidade da sua identidade, o que falta dentro, deve ser obtido fora. Essa interação específica entre o organismo vivo e o ambiente é chamada por Maturana e Varela de cognição. Cognição aqui quer dizer que o organismo vivo reconhece e utiliza o ambiente em uma complementaridade específica (LUIZI, 2023, p.54).

Apropriação nº4: Há falta dentro. Essa falta não é um nada, um vazio, um vácuo. Nem uma abstração incorpórea. A falta é parte integrante do sistema da matéria que somos. Nossa organização especial: ordenada desordem onde um equilíbrio instável supre faltas, enquanto cria outras. A falta nos constitui de tal modo que poderia dispor de um sentido menos doído, menos faltoso, mais integrativo e complementar. A falta não é ausência, mas presença, a presença do processo. O processo da vida é preencher e esvaziar faltas, continuamente. Toda vida é incompleta em si mesma.

A sequência ou a acumulação de interações do organismo vivo com o meio, incluindo outros organismos vivos, confere ao sistema autopoietico uma perspectiva histórica. Ele se torna “o resultado de uma longa série de interações acopladas, o produto da evolução” (LUIZI, 2023, p.54). Nesse contexto, evolução não consiste em uma otimização da adaptação, mas em uma deriva natural, um resultado das ações da coerência interna e autonomia do organismo vivo diante da dinâmica errática do ambiente (RUDRAULF et al, 2003).

Apropriação nº5: Uma vida é deriva temporal e errática. Combinação de acaso e coerência interna na ação constante de sustentar a si própria ao longo do tempo. Deriva pode significar desvio. Uma vida é um desvio do tempo.

Na interação entre o vivo e o meio, há um “chamado mútuo à existência”, no qual o ambiente dá vida ao organismo e o organismo cria o ambiente com seu próprio esquema sensório-motor. É em ação que se conhece e conhecer implica uma coemergência entre o ser e o mundo. É em movimento, na dinâmica sensório-motora

que a estrutura viva se faz e faz o mundo. Interagir é fazer a si e ao mundo, é conhecer e é viver: “A realização simultânea da estrutura orgânica da vida e da cognição são duas faces do mesmo fenômeno, ‘o fenômeno da vida’.” (VARELA, 2000 *apud* LUISI, 2023, p.55).

Apropriação nº6: Só existe dentro na medida em que existe fora. Só existe um quando se conhece outro. Um e outro, dentro e fora, vivo e não vivo emergem simultaneamente nas ações de uma vida. O mundo é o que a vida pode fazer dele. E vice-versa. Há tantos mundos quanto há variações de vida.

Apropriação nº7: A realidade só existe para o ser ao tocar a sua fronteira e se tornar real. A realidade está fora, o real está na fronteira. É um prolongamento do dentro fora e um prolongamento do fora dentro - um entre, um quase? Um fora misturado ao dentro e nunca totalmente absorvido. Um fora real.

Apropriação nº8: Você. Entre outras coisas.

No sentido apresentado acima, pode-se dizer que toda a vida tem cognição e que a cognição está atrelada à construção de sentido (HAAN, 2021). Desde os seres mais simples, sem ser capaz de distinguir o que é relevante para a sobrevivência em seu ambiente - o que é alimento e o que não é, o que é perigoso e o que é seguro -, viver não é possível (HAAN, 2021). Acontece que a construção de sentido de cada ser vivo difere a partir da complexidade do seu organismo. Uma bactéria, uma planta ou um ser humano são capazes de distinguir aspectos relevantes do ambiente. Mas, com o surgimento da mente, da consciência e da linguagem, a construção de sentido se tornou extremamente complexa e passou a se direcionar não só para ação no mundo externo, mas também para o interior do organismo, para si mesmo. O surgimento da consciência está ligado à complexidade estrutural e fisiológica do organismo e requer não apenas um sistema nervoso, mas também um interior visceral e a emergência dos sentimentos como experiência mental desse interior visceral (DAMASIO e DAMASIO, 2024; CARVALHO e DAMASIO, 2021; DAMASIO e CARVALHO, 2013).

Sensação, emoção e sentimento se diferem. A sensação é onipresente nos seres vivos e central na sua sobrevivência. Bactérias e plantas passam a vida tendo sensações e respondendo a elas, no entanto, “não representam as premissas do problema que estão resolvendo e, portanto, não podem estar conscientes das

operações que acabaram de tornar suas vidas possíveis” (DAMASIO; CARVALHO 2013). O conhecimento a partir das sensações, presente nos organismos menos complexos não é explícito para o ser que se beneficia dele. Por isso, é chamado de velado ou oculto, um conhecimento não consciente. O conhecimento consciente, por sua vez, é fornecido principalmente na forma de sentimentos:

Os sistemas nervosos são um passaporte para o conhecimento aberto, começando com o conhecimento sobre a própria criatura conhecedora. Acontece que uma parte significativa do conhecimento abertamente representado é fornecida na forma de sentimentos homeostáticos. Tais sentimentos são a base natural da consciência e abrem caminho para a vida regulada por escolha e deliberação, o oposto exato da regulação secreta da vida. (DAMASIO, A.; DAMASIO, H. 2024, p.1)

Apropriação nº9: Plantas e bactérias vivem, agem e conhecem: o que são depende do que fazem e o que fazem depende das sensações na interação imediata com o meio. Plantas e bactérias conhecem o seu interior, mas não sabem que agem para manter um dentro e não se reconhecem como as variações desse dentro, portanto não podem fazer escolhas a partir da experiência vivida. Não há a experiência vivida. Há apenas o instante em ação.

Apropriação nº10: Existir sem saber. Ser coerente à própria autonomia e identidade sem saber delas. Acontecer na entrega à ação dentro/fora. Por que não? Agora eu gostaria de ser planta: existir sem deliberações, existir sem nome pessoal, existir e isso bastar.

Apropriação nº11: Ser feita da ação cravada no instante. Não quero mais ser uma planta. Me apego à minha experiência e seu presente ampliado para o antes e o depois. Um presente infinito, enquanto dure (a contingência do vivo, afinal: durar, até que). Sabendo ou não sabendo, se conhece a vida. Prefiro saber. Mas invejo a coerência imediata e irrefletida da planta.

Ao contrário da sensação, presente em organismos simples, emoção e sentimentos exigem organismos com um sistema nervoso. As emoções se relacionam ao que está fora do corpo, são desencadeadas por estímulos externos a partir dos sistemas exteroceptivos (visão, audição, tato, paladar e olfato). As emoções podem

causar sentimentos subsequentes, mas não são sentimentos em si. Os sentimentos, por sua vez, se referem, direta ou indiretamente, a estados internos do corpo e, portanto, ao sistema interoceptivo, que informa aos centros reguladores da vida sobre as mudanças de estado corporal - “suas vísceras, seus sistemas respiratório e circulatório, seus sistemas endócrino e imunológico, sua "carne" no sentido amplo da palavra” (DAMASIO, A; DAMASIO, H. 2024, p.3). Nem todas as informações interoceptivas se tornam conscientes. Quando se tornam conscientes, são sentimentos.

Apropriação nº12: As emoções são imagens do fora. Os sentimentos são imagens do dentro. As sensações não requerem imagens. Há algo das plantas e bactérias em mim: me faltam imagens.

Desde a antiguidade até os dias atuais, a análise introspectiva relatada em escritos filosóficos, obras literárias e observações científicas revela que as descrições de sentimentos tendem a referenciar estados do corpo. (...) Quer os sentimentos retratem um estado interno (por exemplo, fome ou sede) ou sejam motivados por uma situação externa (por exemplo, compaixão ou admiração), seus conteúdos mentais dominantes descrevem um estado do corpo no qual a condição das vísceras (por exemplo, coração, pulmões, intestino e pele) têm papel fundamental. (DAMASIO; CARVALHO, 2013, p.143)

Apropriação nº13: Um sentimento é sempre visceral. Plantas não têm vísceras, portanto não podem ter sentimentos. Ainda assim, tenho certeza, uma planta sorri para o sol.

Os sentimentos são estados corporais tornados conscientes e a consciência é o “meio principal para um organismo vivo experimentar o estado de operações dentro de seu corpo” (DAMASIO A; DAMASIO H. 2024, p.2). Consciência e sentimento se misturam e possuem um papel crítico na regulação da vida. Ao representar valores biológicos a partir do equilíbrio fisiológico instável que garante a própria vida (ou seja, ao atribuir sentido a uma variação interna), os sentimentos guiam o comportamento adaptativo (dor e prazer, por exemplo, forçam o organismo a atender às suas condições atuais), facilitam a aprendizagem das circunstâncias que cercam uma

mudança no estado corporal e possibilitam a aplicação desse conhecimento futuramente (DAMASIO; CARVALHO, 2013, p.145). A partir do surgimento dos sentimentos e da consciência, os organismos regulam suas vidas abertamente.

A consciência é o resultado de uma mistura entre o interior visceral de um corpo e seu sistema nervoso. A parceria produz sentimentos, que refletem, a cada momento, a maneira como a vida está sendo perseguida: eficientemente, e talvez com um floreio, ou ineficientemente e com o risco de doença. (DAMASIO, A.; DAMASIO, H. 2024, p.2)

A partir do desenvolvimento da consciência, os organismos descobrem a sua existência o que, junto à capacidade de gerar imagens do seu entorno, abre uma nova perspectiva à vida, a perspectiva subjetiva:

O tecido contínuo de sentimentos permite que os organismos experimentem seu próprio processo de vida continuamente; os organismos são literalmente autorizados a descobrir sua própria existência. E quando os organismos também são capazes de gerar imagens de seu ambiente — por exemplo, imagens visuais e auditivas — a combinação de sentimentos com as imagens de seu entorno produz uma perspectiva do organismo em relação a esse entorno. Isso constitui literalmente uma perspectiva subjetiva, onde o "sujeito" é o organismo sentido/experimentado. Com toda a probabilidade, esta é a origem biológica do processo do self. (DAMASIO A; DAMASIO H., 2024, p.2)

Esse processo, por sua vez, está na base do desenvolvimento da linguagem:

Em organismos complexos, essa perspectiva nova e subjetiva serve como uma âncora para suas capacidades cognitivas estendidas, que incluem: (a) registro de imagens na memória e capacidade de recordar tais imagens e manipulá-las em um processo de raciocínio; e (b) a capacidade de traduzir qualquer imagem em um código de linguagem e, assim, operar tanto no nível de imagem primária quanto no nível verbal. (DAMASIO A; DAMASIO H. 2024, p.2)

Apropriação nº14: Agora, sim, agora eu existo e sei que existo. O meu tempo é presente estendido para o antes e o depois. Sei do passado e do futuro, sei que vivo

e morrerei. Sei das variações que sou, lembro, projeto, faço escolhas, represento imagens, comunico com e sem palavras. Agora, sim, agora você também existe.

Apropriação nº15: Cada sentimento abrange uma gama de variações do dentro. Quantos seres humanos, e por quanto tempo, sentiram as variações de si antes de dizerem: essa variação de corpo é fome, medo, amor? Por que caminhos o sentimento amor se associou à víscera coração? E se eu disser que te amo com todo o meu estômago ou, melhor, com o meu aparelho digestivo inteirinho? Te amo com minha boca – lábio, dentes, língua. Até aqui tudo bem, eu sei. Mas se eu continuar e disser que te amo com meu esôfago, estômago e intestinos? Você fugiria como se foge de um predador. Então não digo.

Mente, experiência, consciência e *eu* se entrelaçam: “Diz-se que mentes conscientes possuem um *eu* que vivencia eventos mentais” (DAMASIO, A.; DAMASIO, H., 2023). A noção de mente é ampla e pode englobar “tudo o que tem a ver com mentalidade, com cognição e, em última análise, com experiência” (VARELA, 1999b *apud* RUDRAUF et al. 2003, p.29). Enquanto a mente abrange tanto os fenômenos conscientes quanto os inconscientes, a experiência pode ser entendida como o âmbito consciente da mente, ou seja, na experiência, fenômenos são acessados do ponto de vista subjetivo consciente (RUDRAUF et al. 2003, p.29).

Na perspectiva autopoietica, o *eu* e a mente são emergências do funcionamento do sistema vivo relacionadas ao processo de manutenção da sua identidade como ser autônomo. Nesse sistema, “O todo não é a soma de suas partes; é o fechamento operacional de suas partes” (VARELA e GOGUEN, 1977 *apud* RUDRAUF et al. 2003, p.34). O processo de manutenção de identidade também pode ser entendido como uma convergência do funcionamento circular do sistema a um determinado estado de “persistência transitória do acoplamento entre o sistema e seu ambiente” (RUDRAUF et al. 2003, p.35). Dessa forma, a manutenção da identidade, assim como a totalidade do organismo, existe como um resultado do funcionamento do seu sistema operacional, uma consequência e não uma causa ou uma finalidade.

A mente pode ser entendida como o processo biofísico de geração de identidade da matéria viva complexa que somos. A partir da mente, se origina na percepção uma história de acoplamento do sistema vivo com seu ambiente; o sistema vivo passa a vivenciar suas variâncias sensório-motoras como uma unidade de percepção e movimento no espaço; um modo específico de coerência (RUDRAUF et al. 2003).

Esse modo específico de coerência observável é o self cognitivo, entendido como “a maneira pela qual o organismo, por meio de sua própria atividade autoproduzida, se torna uma entidade distinta no espaço, mas sempre acoplada ao ambiente correspondente, do qual permanece, no entanto, distinta” (VARELA, 1991 *apud* RUDRAUF et al. 2003, p.43).

O *eu*, que integra o processo mental de constituição de identidade, não é, contudo, um centro gerador de identidade e, sim, mais uma emergência da organização sistêmica da matéria viva humana (RUDRAUF et al. 2003):

Do ponto de vista biofísico e experiencial concreto, não existe um "eu" central, exceto aquele que se atualiza esporadicamente de forma linguística e autorreferencial na comunicação. O "eu" só pode ser localizado como uma emergência, mas atua como o centro de gravidade do próprio sujeito, de sua experiência de vida real (VARELA, 1993 *apud* RUDRAUF et al. 2003).

O *eu* emerge de uma forma incorporada de interagir e passa a funcionar como um núcleo dinâmico desse sistema de forças, no sentido de ser uma direção para onde as experiências convergem. Como um resultado de ações vitais convergentes em processo, o *eu* não possui identidade fixa, a não ser, talvez, na linguagem.

Apropriação nº16: Existo. Percebo um interior preenchido por movimentos viscerais contínuos, que me força ao exterior. Me identifico com o meu interior abundante de sentido. Sinto fome, sinto sede, sinto medo, sinto muito. Interajo comigo mesma e com o ambiente ao redor. Me conheço e reconheço nesses movimentos. Eu sou o que meus movimentos abarcam na direção do dentro e do fora. Mas o que é que os meus movimentos abarcam? Não sei. *Eu* autônomo, coerente e indeterminado.

Apropriação nº17: Um *eu* não possui identidade fixa, nem localização fixa. Surge do funcionamento do sistema do corpo, mas não está em um canto determinado do corpo. Um *eu* parece agir, mas é convergência das ações da vida. Um centro gerado pelo movimento de forças transitórias em um sistema circular. Uma perspectiva. *Eu* acha que age, mas quem age é a vida.

A mente e a experiência do *eu* são aspectos do padrão em fluxo da matéria que somos. Os ciclos de operação dos quais emergem são radicalmente incorporados, regidos pela lógica interna do corpo e dependentes da sua constituição

biofísica (RUDRAUF et al. 2003). A mente atua no “corpo-no-espço”, em um constante enfrentamento sensório-motor entre o sistema e seu entorno e integra um “*modo de ser* que é inseparável do movimento, indo em direção, buscando no movimento” (VARELA; DEPRAZ, 2000 *apud* RUDRAUF et al. 2003). Dessa forma, a mente não está na cabeça ou no cérebro, uma vez que o cérebro e suas redes neurais estão intimamente ligados a todo o organismo e também ao meio em que interage:

(...) a base da mente é o corpo em ação acoplada, ou seja, os circuitos sensório-motores tornam o organismo viável em contextos situados. Dessa perspectiva, o cérebro aparece como um processo dinâmico (e não sintático) de variáveis em tempo real com uma rica capacidade de auto-organização (e não um maquinário representacional). Portanto, nesse sentido, a mente não está na cabeça, visto que suas raízes estão no corpo como um todo e também no ambiente ampliado onde o organismo se encontra. (VARELA, s.d. *apud* KRAUTH, 2008).

Apropriação nº18: A mente não está na cabeça, está no corpo como um todo e no ambiente ampliado onde o corpo se encontra. A mente é união *eu*, corpo, mundo.

O corpo, como sistema biofísico complexo, circular, auto afirmativo e coerente, cria e sustenta sua identidade variada, intrincada, facetada, entrelaçada:

“o corpo é o lugar de intersecção das diferentes identidades que emergem do fechamento, o que faz com que o interior e o exterior se intrinquem. Somos e vivemos em um lugar tão interligado. Nosso corpo não possui uma única identidade externa, mas constitui uma malha dividida e entrelaçada, sem qualquer outro fundamento sólido além de sua própria determinação processual” (VARELA e COHEN, 1989 *apud* RUDRAUF et al. 2003).

Apropriação nº19: Corpo é o lugar onde o tempo desvia a vida.

Apropriação nº20: Identidade é rede, malha, teia.

Apropriação nº21: A mente expande o aqui e agora do corpo vivo (aqui é dentro e contorno prolongados ao fora e vice-versa; agora é sempre também um pouco antes e um pouco depois). Nosso corpo humano é um aqui e agora ampliados.

Apropriação nº22: Um corpo é intersecção. Intersecção tempo espaço dentro fora eu você e tantas coisas se entrelaçam, marcam, passam.

Apropriação nº23: Esbarrei em uma aparente contradição, talvez de perspectiva: o corpo é conjunto interseção, a mente é conjunto união. Visto de fora um corpo é interseção e, de dentro, é união? O corpo, um real da mente; a mente, uma expansão do real.

Mente e experiência do *eu* surgem dos processos cognitivos incorporados em estruturas corporais complexas. Com o termo incorporado, Varela et al (2016) pretenderam destacar dois aspectos da cognição. O primeiro aspecto é que “a cognição depende dos tipos de experiência que advêm de ter um corpo com diversas capacidades sensório-motoras”; e o segundo diz respeito à inserção dessas capacidades sensório-motoras individuais em um contexto biológico, psicológico e cultural mais abrangente (VARELA et al, 2016, pp. 172-173 *apud* VALENCIA, 2024). O mundo que surge da ação cognitiva possui a marca da própria estrutura que o experimenta e pode ser entendido como um processo de construção de sentido (POPOVA; RA, 2020).

Na medida em que a interação com o ambiente inclui a interação com outros seres e seus respectivos processos de construção de sentido, surge na experiência humana um campo intersubjetivo, que não está nem em um, nem em outro, mas na relação entre um e outro e pode gerar formas de sentido que nenhum dos sujeitos tinha anteriormente (DE JAEGER; DI PAOLO, 2007). Na medida em que os humanos não apenas vivenciam, mas têm consciência das próprias experiências e as compartilham uns com os outros, a construção de sentido humana se tornou reflexiva, existencial e participativa, unindo aspectos biológicos, subjetivos, culturais, sociais e também morais. Com isso, “não é mais apenas a sobrevivência que importa, mas *viver uma vida boa e digna*” (DE HAAN, 2021). É em e por meio das interações com os outros, inseridas em práticas socioculturais específicas, que se desenvolve a nossa e construção de sentido incorporada e sofisticada (DE HAAN, 2021).

Apropriação nº24: A sofisticada construção de sentido dos seres humanos é tão incorporada quanto a de qualquer ser vivo. Um ser vivo qualquer - eu, você, a borboleta - é corpo. Uma estrutura corporal delimita o campo de possibilidade da vida.

Apropriação nº25: Agora eu existo. Agora você existe. E existe um mundo de sentido comum criado e sustentado pelos que agem, agiram, agirão e têm consciência disso; e também algum poder sobre isso. **Lembrete 1:** É preciso raspar a terra. Como a

raposa, “catinga carmim da rapina no couro”, raspar, raspar e raspar. Furar o ar feito águia, furar e furar. Submergir na água e respirar ar feito baleia, respirar. Até se misturar à terra feito raiz, sumir. É preciso experimentar, é preciso sentir o sentido, dar carne e sangue e, se eu tivesse seiva, daria seiva ao sentido do mundo quanto mais cresce um mundo onde valores capitalistas se travestem de valores biológicos, mais preciso encarnar o sentido que me importa entre o que sou, somos, fomos, seremos. Raspar, raspar, raspar, cavar, cavar e cavar. **Lembrete 2:** Uma vida boa. Uma vida digna.

3. O corpo vivo que é um eu

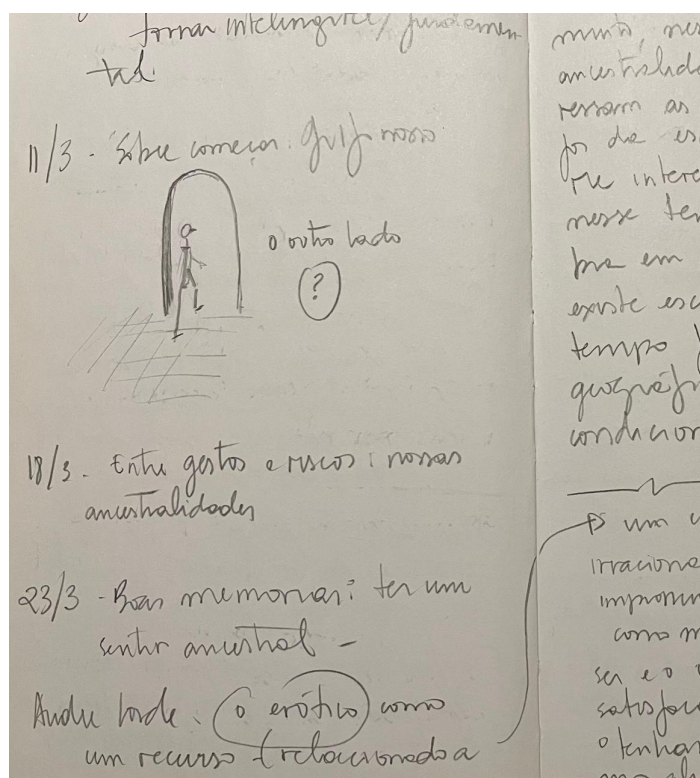


Fig. 2 - Atravessando a porta d' A Casa Tombada: sobre começos e meios (abril 2024)

O corpo vivo que é um eu é um corpo humano. O humano lida com questões específicas, como as do pensamento, da linguagem e de saber de si mesmo e do mundo a partir de um *eu*. O humano divaga; por exemplo, ao dizer corpo humano na primeira frase desse parágrafo, me veio a imagem de um livro escolar de anatomia com figuras simples, quase toscas, representando partes e funções. Quase simultaneamente, pensei na massa informe de seres humanos espalhada pela Terra. Massa de corpos reduzidos a compartimentos e funções estanques; vidas reduzidas. “Como justificar que somos uma humanidade, se mais de 70% estão alienados no exercício de ser?” (Krenak, 2020a, p.14). Essa humanidade vira eles para mim, lá fora, bem longe, aqui ao lado, invasão cotidiana do dentro. Eu, você e você, somos nós. Gosto de imaginar que nos prolongamos no espaço e somos também vento, montanha, rio, mar. Difícil é ser miséria, guerra, tortura. Lidar com os horrores do mundo humano e viver uma vida coerente à própria experiência. Nos fazer aquilo que nascemos para ser (sem determinismo, apenas a intuição na lida com ação e acaso).

Nos fazer aquilo que nascemos para ser, desejando que do encontro entre uma desordem subjetiva e outra possam emergir mundos bons e dignos.

Estamos no meio. Há começos a qualquer momento e em qualquer lugar, inclusive nos meios. Algo no corpo que sou sente que é difícil começar um novo tópico. Desse pensamento, a página em branco extrai de um canto de mim o “comece de qualquer lugar” de Jonh Cage, arrastando consigo algo escrito por Anne Carson (2021, p.12) sobre chacoalhar a caixa. A ideia de chacoalhar a caixa me marcou tanto quanto o “todo o pensamento emite um lance de dados” de Mallarmé (CAMPOS et al, 1991). Chacoalho a caixa e o fragmento que recolho ao acaso é a minha própria caixa: o corpo. Não qualquer corpo, mas aquele que carrega a vida e reúne em si - nesse espaço limitado por fora e obscuramente infinito se experimentado de dentro -, todos os fragmentos do vivido, os que um dia se encaixarão num momentâneo quebra-cabeça de sentido e os que nunca serão lembrados. Todos compõem o corpo.

Atravesso a porta d'A Casa Tombada e insisto até essa escrita final. No desejo de integrar áreas da vida, sigo a referência de um encontro com corpos - quero dizer, pessoas - que gostam de se experimentar na relação com a gravidade (a vida é grave na Terra, cada ação tem seu peso). Segui a referência: autopoiese. Agora estou diante de um *eu* de que precisava e não sabia. Um *eu* que é um corpo que é mais que um *eu*. Um *eu*, que entre outras coisas, se põe a escrever.

A autopoiese diferencia a vida da não vida, não pela capacidade de se reproduzir em descendentes (RNA, DNA, informações genéticas), mas pela capacidade de produzir a si mesma e aos seus próprios componentes, incluindo a fronteira, através de um processo em rede que ocorre dentro: a todo momento uma vida produz a si mesma de dentro para fora, ou já não é vida. O sistema autopoietico é circular, sem início ou fim reconhecíveis, autorreferente, que borra os limites entre o dentro e o fora, enquanto cria uma identidade autônoma e coerente às próprias regras. Esse é o denominador comum a todos os seres vivos, dos microrganismos aos seres humanos. Nesse sistema, o corpo vivo é simultaneamente o fabricado, a fábrica e o fabricante.

Composto por inúmeras unidades autopoieticas, o funcionamento da complexa estrutura humana gera uma perspectiva cognitiva, a perspectiva subjetiva. O bando que cada corpo humano é se organiza em um todo autônomo através de ações contínuas em rede. Um corpo vivo é rede, movimento e processo. *Eu* sou uma perspectiva gerada, a cada momento, por esse processo.

Junto à perspectiva subjetiva, o corpo humano possibilita também a perspectiva temporal. Ganhamos um presente estendido para o antes e o depois. Um presente que se reconhece em um passado e se projeta em um futuro. Projetamos, imaginamos, memorizamos, associamos experiências vividas, criamos um sentido histórico do que vivemos, tudo do ponto de vista do *eu*. Na mesma medida, o corpo nos confere uma profundidade interna. Nele cabe tudo o que vivemos, as experiências se acumulam e, no entanto, seu tamanho se mantém praticamente o mesmo desde que se torna adulto.

A vida humana é um infinito que um corpo finito proporciona. Por exemplo, sempre cabe mais afeto em um coração. Mas na atenção à singularidade de cada movimento sabemos que o coração não é o dono do afeto, nem a cabeça, do pensamento ou as mãos, da escrita. As mãos se implicam em um desejo que é do corpo inteiro. Um corpo que é rede nunca será capaz de realizar um gesto igual ao outro na vida, mesmo que se esforce, estude e ensaie muitas vezes. Essa xícara de café, por exemplo, nunca a trarei à boca do modo como acabei de fazer. As teclas que digito agora nunca serão tocadas da mesma forma, como também a minha letra na lista de compras nunca será a mesma letra, e nem por isso deixo de me reconhecer em cada traço e em cada gesto. Uma intenção ou um gesto sempre implicará o conjunto de um corpo - esse bando em redes de combinações múltiplas e únicas. O sentimento, a memória, o pensamento, a linguagem, a escrita são gestos da totalidade de um corpo. Algumas imagens marcam e parecem estar guardadas inteiras em algum lugar da mente, mas são criadas em novas redes de conexão naquele exato instante em que acessadas enquanto memória e sentido. Tudo o que somos se atualiza a cada momento presente - e passa.

Somos um corpo incrível em sua estrutura complexa e de organização especial chamada vida. Se, como sugere Deleuze (1992), a ciência cria funções, na autopoiese a função da vida é agir/interagir continuamente, o que é o mesmo que conhecer e o que é o mesmo que criar a si e ao mundo. Ou seja, a função da vida é, a partir das contingências, criar uma realidade coerente ao processo da própria vida, uma realidade que seja uma apropriação do real.

4. O corpo vivo que é um eu escreve

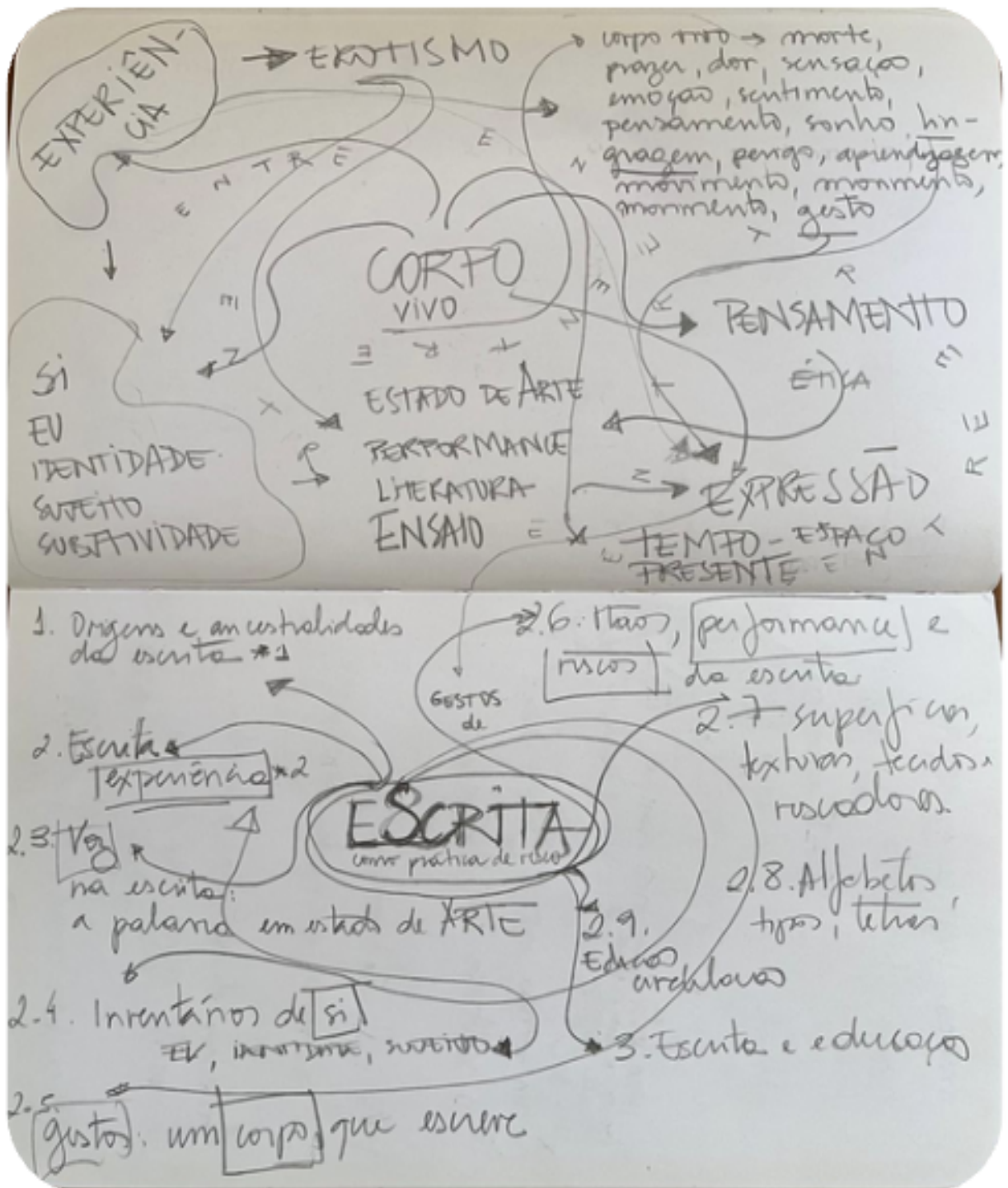


Fig. 2 - Esquema em chuva de pensamento: eu, corpo vivo e Gestos de escrita como prática de risco (dezembro 2024)

O corpo vivo que é um *eu* escreve. Escrever é um ato físico em si, um ato próprio, singular e do momento presente, que, por sua vez, se apropria de outras ações que constituem as experiências sempre transitórias de um corpo humano e seu *eu*. Se todo o processo da vida é movimento e passagem, a escrita, assim como a arte em geral, dá a ver algo que é fugaz. E não apenas fugaz, mas também infinito, indeterminado e, em certa medida, indeterminável. O ato de escrever permite uma apropriação específica do espaço e tempo ilimitados a que o corpo abriu a experiência humana. A escrita dá forma e contorno a algo transitório e infinito.

Chacoalho a minha caixa e descubro fragmentos de mundos que o modo singular como eu vivo faz vibrar e mover fora de mim. Chacoalho a minha caixa ou o fora a chacoalha por mim. Ao acaso, reúno fragmentos na fronteira. Posso reuni-los - o que é o mesmo que encontrá-los e o mesmo que criá-los -, dançando, pintando ou ouvindo a minha respiração enquanto me estendo no chão ao sol, pois, como disse Audrey Lorde (1984) “não há, para mim, diferença alguma entre escrever um bom poema e me mover à luz do sol contra o corpo de uma mulher que eu amo”, afinal, digo com Krenak (2020b), “viver é fruição”. Continuando com Varela (1991 *apud* RUDRAUF et al. 2003, p.43) que na maior parte me guiou até aqui, os seres vivos são essas “existências circulares abertas e multiníveis, impulsionadas pela falta de significado que engendram ao afirmar sua presença”. Se, por um lado, não há sentido algum na vida além da própria vida, por outro lado, o processo vital em si exige a constante criação de sentido, enquanto valor atribuído em ação ao continuum de encontros de que é feita.

Uma vida cria sentido de muitas formas, mas a palavra - especialmente a palavra escrita, penso com Maria Zambrano (2000) - tem um lugar essencial nesse contexto. Diante da realidade humana, atrelada à linguagem e suas palavras, a escrita pode nos conduzir, entre tudo o que vivenciamos, ao que nos é essencial. A palavra escrita alonga a duração de acontecimentos, nos debruçamos sobre eles, nos demoramos neles, para extrair o sentido mais coerente à nossa própria existência. A palavra escrita constrói, não uma via de escape, mas uma direção por onde o sentido imediato que a vida exige pode circular sem se perder da própria coerência. Escrever permite ao humano limpar acontecimentos, empoeirados por ideias correntes, para encontrar neles ideias vitais - que, como dizem Deleuze e Gattari (1992, p.242), são justamente as que se devem criar. Se somos invadidos por um fora que nos demanda a cada instante, se somos exigidos também pelas necessidades de um dentro

incontrolável pelo *eu* que lhe corresponde e se a linguagem nos arrasta em borrões de sentido que cuspiamos num automatismo, nós podemos escrever. E, ao escrever, fazer da linguagem cotidiana uma linguagem própria, numa tentativa de agarrar, entre o que vivemos, o sentido que mais nos importa. Tirar algo de nós, dando a ver, a nós próprios em primeiro lugar, esse algo que nos move. O ato de escrever pode ser visto como parte de um processo ativo de busca por se fazer à altura da própria coerência, em que “isso de querer ser exatamente o que a gente é” pode levar além (LEMINSKI, 2013, p.228).

O que está escrito ganha um corpo à parte, uma existência em si, independente do corpo de que se originou. Contudo, essa existência só se completa quando experimentada no corpo vivo. Como escreveu Larrosa (2014), o destino da palavra é encanar-se:

“O destino da palavra é se desintegrar quando chega a tocar o que é mais sólido do que ela: a carne. Ao se desintegrar como se desintegra qualquer signo apenas cumpre sua incumbência, isto é, ao mostrar aquilo a que se dirige. Porém, de novo, a palavra, felizmente, é mais do que um signo: é uma força viva que se desfaz quando alcança a matéria que há de lhe dar nova força”. (LARROSA, 2014, p.113)

De modo que os sentidos vitais de um, se prolonguem nos sentidos vitais de outro.

Com Audre Lorde (1984), posso pensar que o erótico é parte dessa força capaz de nos guiar na direção do que já somos, que a escrita fortalece: “O erótico é uma medida entre os princípios do nosso senso de ser e o caos de nossos sentimentos mais fortes. É um senso interno de satisfação ao qual, uma vez que o tenhamos vivido, sabemos que podemos almejar.” Que borrão dentro e fora nos faz abraçar a própria falta e transitoriedade com satisfação? Que encontros nos colocam tão inteiramente diante da falta que move, que nos sentimos plenos? “Porque o erótico não é uma questão só do que nós fazemos; é uma questão de quão penetrante e inteiramente nós podemos sentir no fazer” (LORDE, 1984).

O erótico, penso também com Anne Carson (2022), é a força que dá mais sentido à distância e à diferença que ao encontro. É a força que faz valer como experiência a distância entre um e outro, entre o sujeito e o objeto, entre a experiência e a linguagem, entre a completude e a incompletude, entre a falta e a satisfação. O

erótico pode ser visto como uma força que convida a experiência a transitar plenamente onde e no que ela é: entre, meio, quase, movimento, borrão, devir. Há erotismo quando o *eu* não foge da falta, mergulha na transitoriedade e, na iminência de desaparecer, brinca com a própria dissolução; quando a experiência se arrisca a durar no quase, no vislumbre, na diferença; quando o amargor da ausência se torna satisfação na intensidade vital; quando a vida abraça a morte, e dança. E, eventualmente, escreve.

O que acontece à vida acontece no meio. No meio do processo, no meio entre o antes e o depois, no meio entre o dentro e o fora, no meio entre a autonomia e a necessidade, no meio entre ordem e desordem, no meio entre a falta e a satisfação, no meio entre eu, você e a linguagem. No meio da experiência, entre a existência e a morte. Entre, onde a experiência não resiste dentro, atravessa a trava o truque o troço, arrasta o pavor o riso o risco, de transformar triz em traço, traço em triz. Arranha o rasgo, esgarça o rastro, trinca o fora o dentro e entra, onde a vida treme. Entremeio que a linguagem rodeia, o corpo encontra, e passa.

5. Operações de sentido

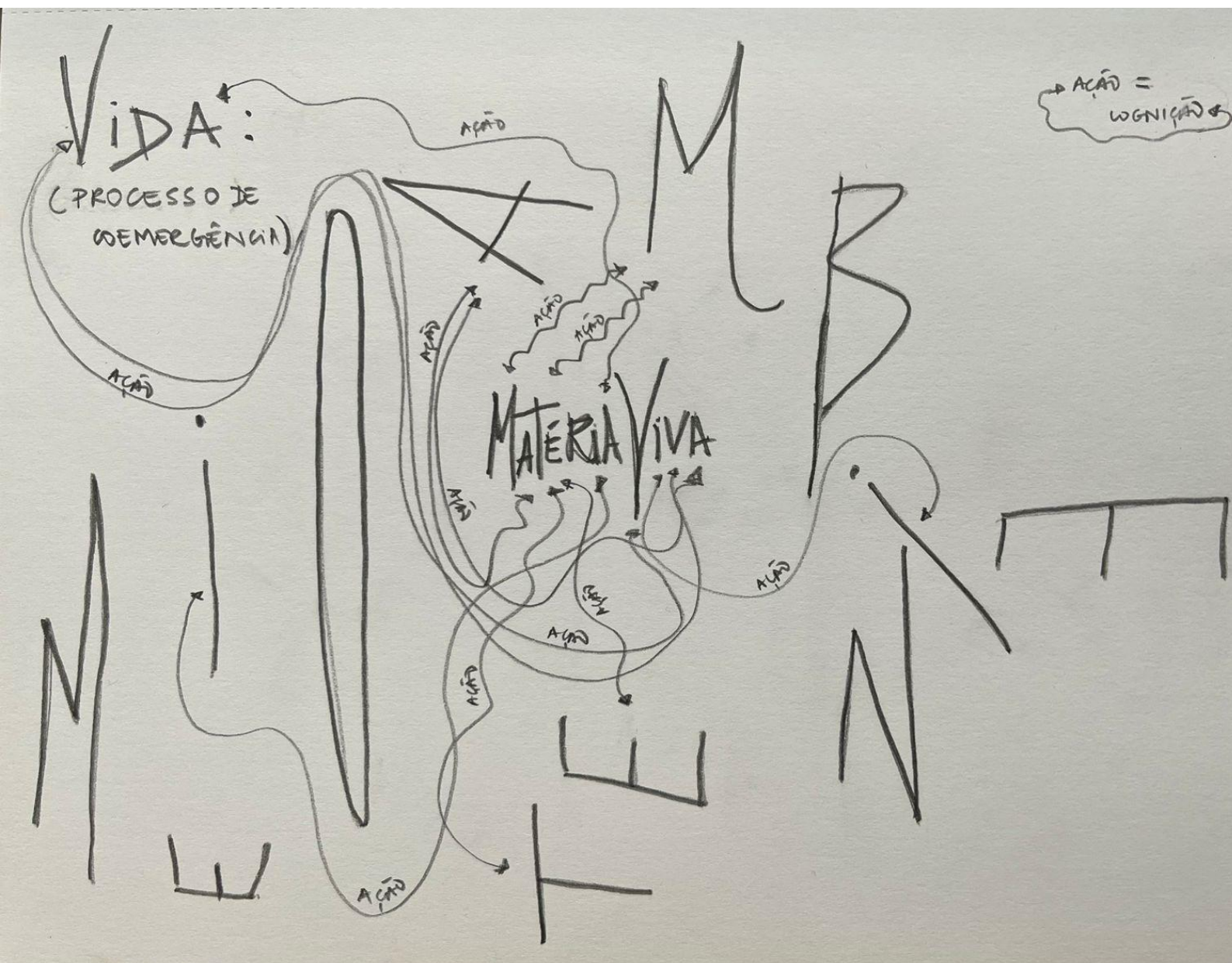


Fig. 3 – Vida/Língua: processo de coemergência (Apropriação da figura 5 de LUISI, 2023, p.55)

Operações de sentido é um exercício de escrita que surgiu da junção entre uma atividade proposta pela Lúcia Castello Branco na aula intitulada “Escritura-enigma: o ilegível, a letra” e uma atividade do Ateliê de escrita intitulada “Cortar para tornar visível”. Lúcia propôs uma experiência poemática com uma palavra enigma e o ateliê, a criação de um poema na própria página de um dicionário, destacando as palavras que abrissem sentidos e rasurando as outras.

A regra que estabeleci em Operações de Sentido foi a de só usar na nova composição palavras que fizessem parte do verbete do dicionário. Os termos que integram esse exercício não foram previamente escolhidos. O primeiro termo, *coisa*, veio do exercício original proposto pela Lúcia. Os outros foram saltando da caixa um a um e seus sentidos se movendo a partir das leituras e experimentações no percurso que culminou neste trabalho de conclusão, e podem ser vistos como uma experiência poemática na direção do que foi exposto até aqui. Os termos são: *corpo, coisa, indeterminado, gesto, algo, erotismo, experimentar, dentro, fora, desaparecer, existir, real*. Hoje eu talvez acrescentasse outros termos, como *mente, humano, acaso, tempo, pessoa ou saúde*, esse “estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade”, conforme definição da Organização Mundial de Saúde.

Como um estado da vida, o estado de saúde é variável e há um longo espectro a partir do qual o parâmetro bem-estar pode ser considerado saudável, mesmo que nunca completo. Acredito que haja saúde em uma experiência e linguagem menos duais do corpo, onde carne, sangue, vísceras e pensamento não precisem se colocar em espaços distantes, que beiram a oposição. O pensamento é da integralidade de um corpo vivo complexo (o que uma inteligência artificial faz, por exemplo, não será nunca pensar). Não há gesto que não seja do corpo inteiro. Nem há corpo humano que não seja uma pessoa inteira. Uma totalidade que se cria e atualiza no entrelaçamento de redes em gestos vários. Uma identidade facetada que se fortalece no exercício e experimentação de si e do entorno. Exercitar a voz, a linguagem, os músculos, as articulações, a sensibilidade, a contemplação, o descanso, o pensamento é parte de um mesmo processo de saúde, a partir do qual a pessoa cria recursos, força e fôlego para se sustentar no movimento, sempre incompleto, do que se é.

Gosto de me deitar no chão e diferenciar pés, mãos, cabeça, cinturas, movendo uns para um lado e outros para o outro, até reconhecer o todo novo de novo. Gosto

de praticar ashtanga ioga, me esforçando, entre outras posturas, em uma longa volta por trás de mim e, quando finalmente agarro os próprios tornozelos, me parecem os de outra pessoa. Gosto de brincar com as palavras e de fazer de um verbete de dicionário um campo de possibilidades onde interagir até encontrar, no movimento dos termos, um novo todo; na condição, uma abertura; no que é comum, um sentido próprio; e no que é limite, um infinito enigma.

...os, mordidas, p.ex.). 2 CE tomar bebida alcoólica sob a alegação de municipalizar o corpo a doenças = **feite em c. unido, agrupado** = **furto** = c. deslocar o corpo a fim de evitar um golpe; negar o corpo; tirar o corpo fora (desviar-se) = **ganhar c. infirm. m.c. tomar corpo** = **alheito de c.** B falta de formas físicas harmônicas ou belas = **ne- o c. m. k.** **FURTAR O CORPO** = **quebrar o c. tab. defecar, evacuar m. c. fig. magro, mofo (doente)** = **tirar o c. (lora) infirm.** 1 des-

se de um golpe ou livrar-se de um ataque; furtar o corpo; ne-
o corpo 2 fugir, omitir-se relativamente a certo pedido, com-
misso ou obrigação; eximir-se de fazer, ajudar, agir etc. • tomar

[illegible]

po (o molho tomou c.) 3 fig. espalhar-se, difundir-se; criar corpo, dar corpo, ganhar corpo (o boato tomou c. e dele tomaram o movimento) = GRAM pl.: corpos(o); aum. irreg.: *corpoça, corpanzil e corzão*; dim. irreg.: *corpúsculo* = ETIM lat. *corpus* fstr. *corpo* (o pos. a), corpo inanimado, cadáver, qualquer objeto material, substância, matéria, complexo, todo, reunião de pessoas, corporação, *corpo*; ver *corpo*(o); f.hist. s.XIII *corpo* = SIN/VAR ver sinonímia de *aspo*, *classe* e *consistência* = ANT ver antonímia de *consistência*, *noção*

po-a-corpo *s.m.*, (1990) B 1 luta física entre duas ou mais pessoas; confronto de ideias, opiniões etc. entre duas ou mais pessoas 3 fig. por contato direto de um político ou de um candidato a

go legislativo ou eletivo com o eleitor em potencial (o candidato c. na praça pública) 4 PUG m.q. CLUNCH • ETIM substv. do sint. *corpo*, com flexão de número ainda instável: os *corpo-a-corpo*, os *pos-a-corpos*

prova *s.m.* (1995) ENG MATER B parte ou amostra representativa de certo material de construção, extraída conforme normas previamente definidas, a fim de se garantir a confiabilidade

resultado • **c. brasileiro** ENG corpo-de-prova cilíndrico, de concreto, ensaiado na prensa, em posição horizontal, a fim de se obter índice de resistência à tração • **c. cilíndrico** (1935) ENG corpo-de-prova cilíndrico, de concreto, em que o diâmetro da base é igual à

proferário *adj.s.m.* (1990 cf. Alma) que ou o que transporta um caver. **ETIM** corpo + fer- + -ário, no padrão de turiferário; o ex. conhecido é subter. e o uso adj. é potencial na língua: ver *compro-*

corpo-lúteo *s.m.* ANAT glândula endócrina que se desenvolve no ovário de modo temporário e cíclico, após a ovulação, e é responsável pela secreção de progesterona; corpo-amarelo ◊ GRAM pl.: *corpo-lúteos*

corp(or)- *el.comp.* antepositivo, do lat. *corpus,bris* 'corpo' (p.opos. a 'alma'), donde 'corpo inanimado, cadáver', talvez por imitação do grego *korpas*, que opõe *sōma átros* 'corpo do morto' a *dēmas* 'corpo vivo'; em virtude dessa oposição a *ánima, corpus* passou a designar tb. qualquer entidade dotada de existência física (denotação de 'figura corpórea', como no caso de *corpore etc.*); como prefixo, indica o caráter físico da coisa referida (ex.: cabeça, tronco, membro etc.).

eto material, substância, matéria (tronco de árvore etc.); como
corpo se compõe de um conjunto de partes (cabeça, tronco,
membros), *corpus* emprega-se para designar 'conjunto, corporação',
união de pessoas, assembleia, povo'; todos esses sentidos corres-
pondem aos do gr. *soma*, que deve ter influído no desenvolvimento

corp, logd. *corpus*, engad. *Kiørp*, friul. *kuarp*, fr. *corps*, prov. *cors* (> rt. *cós*), cat. *còs*, esp. *cuero*, port. *corpo*; a cognação lat. inclui *corpusculum*, 'corpo pequeno, corpúsculo, átomo; corpo definido (do

mem ou dos animais'), *corpulentus*, a.um 'gordo, corpulento', *corpulenta*, ae. 'gordura, obesidade, corpulência; corporalidade (lat.ecl.)', *corporeus*, a.um 'que tem corpo, material, corpóreo; do corpo; de carne, carnudo', lat.imp. *corporalis*, e 'relativo ao corpo, corporal', *incorporalis*, e seu antônimo criado para traduzir o gr. *asmatos* 'corporeo'.

nis, e, seu antônimo, criado para traduzir o gr. *asomatos*, *corpóreo*; *antis*, 'oposto a'; *matéria*, material; materialidade; da linguagem da Igreja v. *corporeus*, *quidam*, *ipse* 'dar corpo, transformar num corpo'; *car*, na voz passiva: tomar corpo, formar-se' (em lat. imp.); *corpus*, *a, um* 'dotado de corpo, material; composto, formado de'; o v.

porcos, *is*, ére 'tomar corpo, encarnar-se', *corporatio*, *ōnis* 'encarnação' (lat. ecles.); 'corporaçāo' (= *collegium*), *corporativus*, *a*, *um* 'fortificante (remedio ou alimento), da linguagem da medicina, e *re* *corpore*, *ivus*, *a*, *um*; lat. *imp. corporatūra*, *ae* 'compulsão' (= gr. *sōmasia*), *ivus*, *a*, *um* 'incompartível com incompartível interior' e *relatō* *ivus*, *a*, *um* 'fortifi-

imp. *incorporeus*, um incorporeo, imaterial, o v.lat. imp. *incorporo*, as 'incorporar, reunir num só corpo', us. sobretudo na linguagem da Igreja, donde *incorporabilis*, 'incorporeo'; a cognação rn. desenvolve-se desde as orig. do idioma: *corpoço*, *corpanço*, *corinzil*, *corpanzudo*, *corpeada*, *correte*, *cornico*, *corninheira*, *corninheiro*,

c, *corporeo*, *corpóreo*, *corpúsculo*, *corpulentar*, *corpíneo*, *corpino*, *corpinho*, *corpo* (vários comp. com *corpo*- como primeiro el.), *corpósico*, *corpopsiquismo*, *corporação*, *corporal*, *corporalidade*, *corporalismo*, *corporalista*, *corporalistico*, *corporalização*, *corporalizado*, *corporizador*, *corporizante*, *corporalizar*, *corporalizável*, *corporatismo*, *corporatista*.

poratístico, corporatividade, corporativismo, corporativista, corporati-
tico, corporativo, corporatura, corporável, corporeidade, corpóreo, corpo-
cação, corporificado, corporificador, corporificante, corporificar, corpo-
cetivo, corporificável, corporiforme, corporização, corporizado, corpori-
dor, corporizante, corporizar, corporizável, corporulo, corporulência, corporu-
lo, corporulizado

cor, corporante, corporiz, corporizável, corpúeo, corpúencia, corpúto, corpus (lat.), corpuscular, corpuscularidade, corpuscularismo, corpuscularista, corpuscularístico, corpusculismo, corpusculista, corpusculístico, corpusculização, corpusculizado, corpusculizador, corpusculizante, corpuscularizar, corpusculizável, corpúsculo; cós'tira de pano que circunda a

ntura de saias e calças; cosselete/ coselêre; descorporização, descopo-
izado, descorporizador, descorporizante, descorporizar, descorporizável;
descorpado, desencorpamento, desencorpante, desencorpar, desencorpa-
l, desencorporação/ desincorporação, desencorporado/ desincorporado,

incorporador/desincorporador, desincorporante/desincorporante, de-
incorporar/desincorporar, desincorporável/desincorporável; encorpado,
corpado, encompado, encompamento, encorpar, encorporação/incorporação, encor-
parado/incorporado, encorporante/incorporante, encorporar/incorporar,
encorporativo/incorporativo, incorporar, incorporação, incorporel, in-

corporação *s.f.* (1936 et sc) 1 ADM JUR conjunto de pessoas que apresentam alguma afinidade profissional, de idéias etc., organizadas

em uma associação e sujeitas ao mesmo estatuto ou regulamento

corporação s.f. (1018 cl. 5.ª) 1 ADM JUR conjunto de pessoas que apresentam alguma afinidade profissional, de idéias etc., organizadas

corporação s.f. (1898 CLC) 1 ADM JUR conjunto 30

(tiros, mordidas, p. ex.) 2 *CE* tomar bebida alcoólica sob a alegação de imunizar o corpo a doenças • feito em c. unido, agrupado • furtar o c. deslocar o corpo f. fim de evitar um golpe; negar o corpo; tirar o corpo fora (desviar-se) • ganhar c. *infirm.* m. q. tomar corpo • malfeito de c. 8 falta de formas físicas harmônicas ou belas • negar o c. m. q. *FURTAR* o corpo • quebrar o c. *tab.* defecar, evacuar sem c. *fig.* magro, mofino (doentio) • tirar o c. (fora) *infirm.* 1 desviar-se de um golpe ou livrar-se de um ataque; furtar o corpo; negar o corpo 2 fugir, omitir-se relativamente a certo pedido, compromisso ou obrigação; eximir-se de fazer, ajudar, agir etc. • tomar c. 1 crescer, engordar, encorpar; botar corpo, ganhar corpo, deitar corpo, criar corpo (o menino tomou c. de adulto) 1.1 adquirir (o corpo) formas adultas; botar corpo, ganhar corpo, deitar corpo, criar corpo, 2 *p.ana.* adquirir consistência, densidade; ganhar corpo, criar corpo (o bolo ganhou c.) 3 *fig.* espalhar-se, difundir-se; criar corpo, 4 botar corpo (o boato tomou c. e dele todos tomaram corpo) 5 *col.* corpo(ô); *aut.* irreg.: *corpaça, corpanzil* e *corporoculo* = *ETIM* lat. *corpus, fr̄is* 'corpo' (p. opos. a *animus*) • *tab.* cadáver, qualquer objeto material, substância, todo, reunião de pessoas, corporação, complexo, *EXLL* corpo(ô) = *SIN/VAR* ver sinonímia de *aspiração* • *ANT* ver antonímia de *consistência* = *flexão* 2 *corp.* corp(ô) e somat(ô); *pospr.* *somia* e *somo* 3 *corp.* corp(ô) 1.1 luta física entre duas ou mais pessoas de idéias, opiniões etc. entre duas ou mais pessoas 2 direito de um político ou de um candidato a ser eleito com o eleitor em potencial (o candidato ganhou o corpo) 3 *PUG* P m. q. *CLUNCH* = *ETIM* substv. do *snt.* *corp* de número ainda instável: os *corpo-a-corpo*, os

m. ANAT m.q. CORPO-LÚTEO • GRAM pl.: corpos-

...MATER B parte ou amostra repre-
material de construção, extraída conforme nor-
...a fim de se garantir a confiabilidade

...eias (pi) acer-
...minado infi-

N/VAR como concreto, em que o diâmetro da base é igual à altura, us. para testar sua resistência, em pé, à com-

e exito *إخيتو* (1990 cf. Alama) que ou o que transporta um carro: *إخيتو* = *carro* + *fer-* + *-ário*, no padrão de *turiferário*; o *ex-* co-

corpo lúteo *s.m.*, ANAT glândula endócrina que se desenvolve no ovário, de modo temporário e cíclico, após a ovulação, e é responsá-

corp(or) - *el comp. antepositivo, do lat. corpus, ōris 'corpo (p. opos. a*

pusculus, corpo pequeno, corpúsculo, átomo, corpo delmiado (do homem ou dos animais), *corpulentus*, um 'gordo, corpulento', *corpulentia*, 'gordura, obesidade, corpulência; corporalidade (lat.ecl.),

terminado e tem corpo, material, corporeo; do corpo; de carne, carnudo, lat. imp. *corporalis*, e relativo ao corpo, corporal, *incorporalis*, e, seu antônimo, criado para traduzir o gr. *asômatos*, corpo-

o infinito todo de corpo, material; composto, formado de; o v. *corporatō* 'tomar corpo, encarnar-se', *corporatiōnis* 'encarnação' (lat. ecles.); 'corporação' (= *collegium*), *corporativus, a, um* 'fortifi-

xado (remédio ou alimento), da linguagem da medicina, e *recorporatilis, a, um*; lat. imp. *corporatūra, ae* 'corpulência' (= gr. *sômasia*), lat. imp. *incorporēus, a, um* 'incorpóreo, imaterial', o v. lat. imp. *in-*

algo em da Igreja, donde *incorporabilis* e 'incorpóreo'; a cognação vern. desenvolve-se desde as orig. do idioma: *corpaco*, *corpanco*, *cor-*

scura *corpo* (vários comp. com *corpo* - como primeiro el.), *corpopsíquico*, *corpopsiquismo*, *corporação*, *corporal*, *corporalidade*, *corporalismo*.

corporalidade, incorporante, incorporável, incorporabilidade, incorpóreo; reincorporação, reincorporado, reincorporador, reincorporação, reincorporamento, reincorporar, reincorporação e f. (v. 1, p. 33) 1 Adm um conjunto de pessoas que apr

indeterminado
sujeito infinito
não fixado
vago algo
de obscura
clareza

peado tem. subst. do part. do v. *cuerpear* 'evitar choque com alguém, afastar-se de algo', registrado por Corominas (s.v. *cuerpo* corpo) como voc. argentino; ver *corp(ori)*.

corpete /ê/ s.m. (v. 19) 1 parte superior da indumentária feminina, ger. jaqueta ou blusa, de corte ajustado, com comprimento do colo até a cintura; corpinho, corselete 2 colete feminino; bolero (jaqueta curta) 3 roupa íntima feminina que modela o busto e sustenta os seios; sutiã; *ETIM* it. *corpetto* (a1712) 'jaleco, corpete' (a1886) 'parte superior da roupa feminina, aderente ao corpo'; ver *corp(ori)* - *SIN* VAR colete, corpinho, corselete, vasquim; ver tb. sinonímia de *sutiã*

corpinho s.m. (s. 19) 1 corpo de pequenas proporções 2 VEST m.q. *CORPETE* (parte superior) 3 VEST BA MG m.q. *SUTIÃ* - *ETIM* *corpo* + *-inho*; ver *corp(ori)* - *SIN* VAR ver sinonímia de *corpete* e *sutiã*

corpo /ô/ s.m. (v. 19) 1 ANAT a estrutura física de um organismo vivo (esp. o homem e o animal) englobando suas funções fisiológicas; parte concreta, material dos seres 2 ANAT HUM na configuração da espécie humana, o conjunto formado por cabeça, tronco e membros 3 p. ext. o tronco, a parte central da estrutura anatômica de um homem ou animal, excluindo os membros inferiores e superiores e a cabeça (tinha o c. atarracado) (o cão tinha o c. salpicado de manchas pretas e as patas brancas) 4 p. ext. completção física de alguém; estatura, robustez (era ainda um rapaz mas já tinha c.) 5 p. ext. forma física perfeita, segundo padrões estabelecidos pela sociedade em determinada época (após vários peões de ginástica, a modelo adquiriu c.) 6 p. ext. a superfície do corpo; pele (roçou seu c. contra o dele) 7 fig. a materialidade do ser; tudo o que se refere à satisfação das necessidades físicas de alguém (optou pelos prazeres do corpo e da transcendência) - p. opos. a alma 8 euf. m.q. *CADÁVER* (to) (o c. do ator será enterrado amanhã) 9 p. ana. a superfície da terra, tudo o que ocupa lugar; tudo o que tem existência no espaço (c. gasoso) (c. líquido) (c. sólido) 10 p. ext. a existência ou principal de uma estrutura material ou uma edificação (o c. de uma obra literária) (um c. de engenharia, densidade, viscosidade de matéria fluida) (a política ecológica poderá, no futuro, dar c. a um mundo de importância real; realce, destaque (o jornal deu c. a uma reportagem na Europa oriental) 15 conjunto de profissionais especializados (c. de médicos) 15.1 grupo ou subgrupo de uma estrutura profissional, cultural, educacional, militar etc. (a do professor) 16 ACS intensidade ou volume de um som (tem belo c. a voz desse tenor) 17 ADM pol. agregação de indivíduos, ger. de uma mesma instituição, que exercem um mesmo ofício ou apresentam alguma vinculação em função de interesses comuns; corporação (c. diplomática) (c. de auditores fiscais) (c. de funcionários públicos) 18 AER astron. parte principal de aeronave e de qualquer outro engenho aerospacial; fuselagem 19 ALC ana. cujos elementos, à exceção do zero aditivo, têm inverso multiplicativo 20 ANAT parte do corpo humano 21 ANAT formação anatômica, embriológica (c. da boca, estrutura e função várias (c. geniculado) (c. carnelado) 22 ARQ CONSTR a parte central de uma edificação 23 ART PLAST em uma ilustração, desenho ou pintura, a área central ou principal (o c. do desenho era bastante colorido) 24 BIBL JOR parte principal de um livro, relatório, monografia, matéria jornalística ou de qualquer texto, excluídas as partes extratextuais e complementares 25 parte cheia ou central do desenho de uma letra, que se distingue das hastes 26 ENC m.q. *MIOLO* 27 ENOL característica do vinho que, conjugada extrato seco e acidez ao seu teor alcoólico, faz com que, na boca, de modo equilibrado e agradável (um Barco Velho de soberbo c.) 28 GEO massa de água separada e individualizada como, p. ex., um lago 29 GRAF medida de um tipo expressivo, a clareza, em pontos tipográficos, entre as faces anterior e posterior de um tipo (Corresponde à altura do desenho da letra, acrescida da entrelinha original existente no caráter tipográfico.) (uma letra em c. dez) 29.1 p. ext. *GRAF* tamanho da letra, ger. expressivo das tipografias convencionadas a partir dos sistemas Didot ou Fournier 30 GRAF espessura, expressa em pontos, das linhas tipográficas em geral (fios, vinhetas, entrelinhas etc.) 31 ORN ornamental ou simbólica que acompanha as palavras de divisa 32 JUR o indivíduo físico e juridicamente considerado, sem seus bens e haveres (a sentença judicial determinou a separação do indivíduo do conjunto de leis, dispositivos, ementas etc. sobre determinado assunto (c. de leis de proteção ao menor desamparado) 34 MIL parte ger. essencial de uma força armada (c. de cavalaria) 35 MIL parte principal de uma fortificação 36 MUS compartimento oco que tem a função de ampliar o som das cordas em certos instrumentos; caixa de ressonância (o c. de um violão) 37 NUMS conjunto de figuras representativas em uma moeda 38 PAP volume e espessura de papel 39 POL o Estado (conjunto), em sentido amplo 40 PSC parte principal de uma armação de pesca 41 REL a forma a ser supostamente assumida pelo ser humano após a ressurreição dos mortos, quando do Juízo Final 42 TEC parte de um equipamento perfurante, como a broca, situada entre os gumes cortantes e o cabo 43 VEST parte da roupa que cobre o tronco (um vestido com c. justo) - c. aberto REL corpo vulnerável à influência de males (físicos ou morais); corpo sem proteção - p. opos. a *corpo fechado* - c. astral OCT REL em teosofia, contraparte sutil do corpo humano que o acompanha em vida, raro dele se separando, e que sobrevive à morte - c. caloso ANAT estrutura mediana do cérebro constituída de fibras nervosas que reúnem os dois hemisférios cerebrais, permitindo que um deles exerça ação excitante ou inibidora sobre o outro; mesolobo, mesolobo - c. cavemoso do clitoris ANAT cada uma das duas colunas paralelas de tecido erétil que formam o corpo do clitoris - c. ca- vemoso do pênis ANAT cada uma das duas colunas paralelas de tecido erétil que formam a parte dorsal do corpo do pênis e que possibilitam a ereção ao se encherem de sangue - c. celeste 1 ASTR massa de matérias existentes no espaço; corpo sideral 2 REL teoria segundo a qual Cristo era desprovido de corpo terrestre, sendo transfiguração do filho de Deus no ventre de Maria - c. celular CIT porção central do neurônio, onde está contido o núcleo; soma - c. cetônico BIOQ substância produzida no processo de degradação

gesto s.m. (s. XIV) 1 m.q. *GENICULACÃO* ('ato) 2 movimento do corpo, esp. das mãos, braços e cabeça, voluntário ou involuntário, que revela o estado psicológico ou intenção de exprimir ou realizar algo; aceno, mímica (g. de dor) (g. obscuro) 3 expressão singular (em alguém ou em seu semblante); aparência, aspecto, fisionomia (nele havia um g. de cansaço e abatimento) 4 maneira de se manifestar, atitude, ação (g. mesquinho) (g. de largueza) (ninguém esperava g. tão nobres daquela instituição) - *GRAM* VOC. consid. gal. pelos puristas, que sugerem em seu lugar *ato* - *ETIM* lat. *gestus* 'movimento, atitude, gesto, ademão, gesticulação, esgar, visagem, careta'; ver *gest-* - *SIN* VAR ver sinonímia de *aceno* e *trejeito*

gesto s.m. (s. XIV) 1 m.q. *GENICULACÃO* ('ato) 2 movimento do corpo, esp. das mãos, braços e cabeça, voluntário ou involuntário, que revela o estado psicológico ou intenção de exprimir ou realizar algo; aceno, mímica (g. de dor) (g. obscuro) 3 expressão singular (em alguém ou em seu semblante); aparência, aspecto, fisionomia (nele havia um g. de cansaço e abatimento) 4 maneira de se manifestar, atitude, ação (g. mesquinho) (g. de largueza) (ninguém esperava g. tão nobres daquela instituição) - *GRAM* VOC. consid. gal. pelos puristas, que sugerem em seu lugar *ato* - *ETIM* lat. *gestus* 'movimento, atitude, gesto, ademão, gesticulação, esgar, visagem, careta'; ver *gest-* - *SIN* VAR ver sinonímia de *aceno* e *trejeito*

gesto s.m. (s. XIV) 1 m.q. *GENICULACÃO* ('ato) 2 movimento do corpo, esp. das mãos, braços e cabeça, voluntário ou involuntário, que revela o estado psicológico ou intenção de exprimir ou realizar algo; aceno, mímica (g. de dor) (g. obscuro) 3 expressão singular (em alguém ou em seu semblante); aparência, aspecto, fisionomia (nele havia um g. de cansaço e abatimento) 4 maneira de se manifestar, atitude, ação (g. mesquinho) (g. de largueza) (ninguém esperava g. tão nobres daquela instituição) - *GRAM* VOC. consid. gal. pelos puristas, que sugerem em seu lugar *ato* - *ETIM* lat. *gestus* 'movimento, atitude, gesto, ademão, gesticulação, esgar, visagem, careta'; ver *gest-* - *SIN* VAR ver sinonímia de *aceno* e *trejeito*

gesto s.m. (s. XIV) 1 m.q. *GENICULACÃO* ('ato) 2 movimento do corpo, esp. das mãos, braços e cabeça, voluntário ou involuntário, que revela o estado psicológico ou intenção de exprimir ou realizar algo; aceno, mímica (g. de dor) (g. obscuro) 3 expressão singular (em alguém ou em seu semblante); aparência, aspecto, fisionomia (nele havia um g. de cansaço e abatimento) 4 maneira de se manifestar, atitude, ação (g. mesquinho) (g. de largueza) (ninguém esperava g. tão nobres daquela instituição) - *GRAM* VOC. consid. gal. pelos puristas, que sugerem em seu lugar *ato* - *ETIM* lat. *gestus* 'movimento, atitude, gesto, ademão, gesticulação, esgar, visagem, careta'; ver *gest-* - *SIN* VAR ver sinonímia de *aceno* e *trejeito*

gesto s.m. (s. XIV) 1 m.q. *GENICULACÃO* ('ato) 2 movimento do corpo, esp. das mãos, braços e cabeça, voluntário ou involuntário, que revela o estado psicológico ou intenção de exprimir ou realizar algo; aceno, mímica (g. de dor) (g. obscuro) 3 expressão singular (em alguém ou em seu semblante); aparência, aspecto, fisionomia (nele havia um g. de cansaço e abatimento) 4 maneira de se manifestar, atitude, ação (g. mesquinho) (g. de largueza) (ninguém esperava g. tão nobres daquela instituição) - *GRAM* VOC. consid. gal. pelos puristas, que sugerem em seu lugar *ato* - *ETIM* lat. *gestus* 'movimento, atitude, gesto, ademão, gesticulação, esgar, visagem, careta'; ver *gest-* - *SIN* VAR ver sinonímia de *aceno* e *trejeito*

das gorduras no organismo - c. cilios NAT a parte mais espessa da túnica vascular do olho, entre a coróide e a íris, e que consiste em três partes: a zona orbicular, a zona da coroa ciliar e a zona do músculo ciliar - c. cinzento FIS corpo cuja emissão de radiação a uma dada temperatura é uma fração constante da emissão de radiação de um corpo negro num dado comprimento de onda para todos os comprimentos de onda - c. da batalha MIL a parte de um exército em combate entre a vanguarda e a retaguarda - c. da (de) guarda ou de guarda MIL 1 conjunto de soldados e oficiais encarregados da guarda de instalações e bens militares 2 p. ext. local onde esse conjunto fica alojado - c. da Igreja 1 ARQ REL m.q. *NAVE* (espaço central) 2 fig. REL conjunto de fiéis de uma religião 3 fig. REL conjunto de bens materiais de uma religião - c. de baile BAIL conjunto permanente de bailarinos que executam danças clássicas e/ou folclóricas, por vezes dispostos de coreografias próprias (c. de baile do Teatro Municipal) - c. de bombeiros corporação paramilitar dedicada à prevenção e combate a incêndios bem como a socorrer vítimas de catástrofes - c. de Cristo REL 1 a Igreja cristã, da qual Jesus Cristo é a cabeça 2 LITURGIA o pão eucarístico - c. de delito JUR exame realizado por perito, que visa à constatação da materialidade do fato criminoso, ou seja, a existência do crime - c. de edifício ARQ CONSTR imóvel sem divisões internas e sem mobiliário - c. de exército MIL grande unidade de combate composta por duas ou mais divisões e serviços auxiliares - c. de frutificação MIC estrutura no interior da qual se formam esporos; corpo frutífero - c. de jurados JUR conjunto de jurados que atuam num tribunal ou numa sessão de julgamento - c. de luz JUR B no turfe, a distância entre o ponto de partida de uma cavalgada e o ponto de chegada

gesto s.m. (s. XIV) 1 m.q. *GENICULACÃO* ('ato) 2 movimento do corpo, esp. das mãos, braços e cabeça, voluntário ou involuntário, que revela o estado psicológico ou intenção de exprimir ou realizar algo; aceno, mímica (g. de dor) (g. obscuro) 3 expressão singular (em alguém ou em seu semblante); aparência, aspecto, fisionomia (nele havia um g. de cansaço e abatimento) 4 maneira de se manifestar, atitude, ação (g. mesquinho) (g. de largueza) (ninguém esperava g. tão nobres daquela instituição) - *GRAM* VOC. consid. gal. pelos puristas, que sugerem em seu lugar *ato* - *ETIM* lat. *gestus* 'movimento, atitude, gesto, ademão, gesticulação, esgar, visagem, careta'; ver *gest-* - *SIN* VAR ver sinonímia de *aceno* e *trejeito*

gesto s.m. (s. XIV) 1 m.q. *GENICULACÃO* ('ato) 2 movimento do corpo, esp. das mãos, braços e cabeça, voluntário ou involuntário, que revela o estado psicológico ou intenção de exprimir ou realizar algo; aceno, mímica (g. de dor) (g. obscuro) 3 expressão singular (em alguém ou em seu semblante); aparência, aspecto, fisionomia (nele havia um g. de cansaço e abatimento) 4 maneira de se manifestar, atitude, ação (g. mesquinho) (g. de largueza) (ninguém esperava g. tão nobres daquela instituição) - *GRAM* VOC. consid. gal. pelos puristas, que sugerem em seu lugar *ato* - *ETIM* lat. *gestus* 'movimento, atitude, gesto, ademão, gesticulação, esgar, visagem, careta'; ver *gest-* - *SIN* VAR ver sinonímia de *aceno* e *trejeito*

gesto s.m. (s. XIV) 1 m.q. *GENICULACÃO* ('ato) 2 movimento do corpo, esp. das mãos, braços e cabeça, voluntário ou involuntário, que revela o estado psicológico ou intenção de exprimir ou realizar algo; aceno, mímica (g. de dor) (g. obscuro) 3 expressão singular (em alguém ou em seu semblante); aparência, aspecto, fisionomia (nele havia um g. de cansaço e abatimento) 4 maneira de se manifestar, atitude, ação (g. mesquinho) (g. de largueza) (ninguém esperava g. tão nobres daquela instituição) - *GRAM* VOC. consid. gal. pelos puristas, que sugerem em seu lugar *ato* - *ETIM* lat. *gestus* 'movimento, atitude, gesto, ademão, gesticulação, esgar, visagem, careta'; ver *gest-* - *SIN* VAR ver sinonímia de *aceno* e *trejeito*

(tiros, mordidas, p. ex.) 2 CE tomate bebida alcoólica sob a alegação de imunizar o corpo a doenças - feito em c. unido, agrupado - fur- tar o c. deslocar o corpo a fim de evitar um golpe; negar o corpo; ti- rar o corpo fora (desviar-se) - ganhar c. *infrm.* m.q. *TOMAR CORPO* - malfeteiro de c. 8 falo de formas físicas harmônicas ou belas - ne- gar o c. m.q. *FURTAR O CORPO* - quebrar o c. *rab.* defecar, evacuar - sem c. *fig.* magro, mofino (doentio) - tirar o c. (fora) *infrm.* 1 des- viar-se de um golpe ou livrar-se de um ataque; furtar o corpo; ne- gar o corpo 2 fugir, omitir-se relativamente a certo pedido, com- promisso ou obrigação; eximir-se de fazer, ajudar, agir etc. - tomar c. 1 crescer, engordar, encurpar; botar corpo; ganhar corpo; deitar corpo, criar corpo (o menino tomou c. de adulto) 1.1 adquirir (o corpo) formas adultas; botar corpo, ganhar corpo, deitar corpo, criar cor- po 2 p. ana. adquirir consistência, densidade; ganhar corpo, criar corpo (o molho tomou c.) 3 fig. espalhar-se, difundir-se; criar cor- po, deitar corpo, ganhar corpo (o boato tomou c. e dele todos tomaram co- nhecimento) - *GRAM* PL. *corp(ori)*; aum. irreg. *corp(ori)*, *corp(ori)* e *corp(ori)*; dim. irreg. *corp(ori)* - *ETIM* lat. *corp(ori)* 'corpo' (p. opos. a alma); cor- po inanimado, cadáver, qualquer objeto material, subs- tância, matéria, complexo, todo, reunião de pessoas, corporação, povo; ver *corp(ori)*; f. hist. *SXIII corp(ori)* - *SIN* VAR ver sinonímia de as- pecto, classe e consistência - ANT ver antonímia de *consistência* - *NOÇ* de 'corpo', usar antes *corp(ori)* e *somático*; *pospos.* - *soma* e - *soma* - **corpo-a-corpo** s.m. (v. 19) 1 luta física entre duas ou mais pes- soas 2 p. ext. confronto de ideias, opiniões etc. entre duas ou mais pes- soas 3 fig. pol. contato direto de um político ou de um candidato a cargo legislativo ou eletivo com o eleitor em potencial (o candidato fez na praça pública) 4 FUG P m.q. *CLINCH* - *ETIM* subst. do snt. *cor- po*, com flexão de número ainda instável: os corpo-a-corpo, os corpos-a-corpo

corpo s.m. (v. 19) 1 ANAT a estrutura física de um organismo vivo (esp. o homem e o animal) englobando suas funções fisiológicas; parte concreta, material dos seres 2 ANAT HUM na configuração da espécie humana, o conjunto formado por cabeça, tronco e membros 3 p. ext. o tronco, a parte central da estrutura anatômica de um homem ou animal, excluindo os membros inferiores e superiores e a cabeça (tinha o c. atarracado) (o cão tinha o c. salpicado de manchas pretas e as patas brancas) 4 p. ext. completção física de alguém; estatura, robustez (era ainda um rapaz mas já tinha c.) 5 p. ext. forma física perfeita, segundo padrões estabelecidos pela sociedade em determinada época (após vários peões de ginástica, a modelo adquiriu c.) 6 p. ext. a superfície do corpo; pele (roçou seu c. contra o dele) 7 fig. a materialidade do ser; tudo o que se refere à satisfação das necessidades físicas de alguém (optou pelos prazeres do corpo e da transcendência) - p. opos. a alma 8 euf. m.q. *CADÁVER* (to) (o c. do ator será enterrado amanhã) 9 p. ana. a superfície da terra, tudo o que ocupa lugar; tudo o que tem existência no espaço (c. gasoso) (c. líquido) (c. sólido) 10 p. ext. a existência ou principal de uma estrutura material ou uma edificação (o c. de uma obra literária) (um c. de engenharia, densidade, viscosidade de matéria fluida) (a política ecológica poderá, no futuro, dar c. a um mundo de importância real; realce, destaque (o jornal deu c. a uma reportagem na Europa oriental) 15 conjunto de profissionais especializados (c. de médicos) 15.1 grupo ou subgrupo de uma estrutura profissional, cultural, educacional, militar etc. (a do professor) 16 ACS intensidade ou volume de um som (tem belo c. a voz desse tenor) 17 ADM pol. agregação de indivíduos, ger. de uma mesma instituição, que exercem um mesmo ofício ou apresentam alguma vinculação em função de interesses comuns; corporação (c. diplomática) (c. de auditores fiscais) (c. de funcionários públicos) 18 AER astron. parte principal de aeronave e de qualquer outro engenho aerospacial; fuselagem 19 ALC ana. cujos elementos, à exceção do zero aditivo, têm inverso multiplicativo 20 ANAT parte do corpo humano 21 ANAT formação anatômica, embriológica (c. da boca, estrutura e função várias (c. geniculado) (c. carnelado) 22 ARQ CONSTR a parte central de uma edificação 23 ART PLAST em uma ilustração, desenho ou pintura, a área central ou principal (o c. do desenho era bastante colorido) 24 BIBL JOR parte principal de um livro, relatório, monografia, matéria jornalística ou de qualquer texto, excluídas as partes extratextuais e complementares 25 parte cheia ou central do desenho de uma letra, que se distingue das hastes 26 ENC m.q. *MIOLO* 27 ENOL característica do vinho que, conjugada extrato seco e acidez ao seu teor alcoólico, faz com que, na boca, de modo equilibrado e agradável (um Barco Velho de soberbo c.) 28 GEO massa de água separada e individualizada como, p. ex., um lago 29 GRAF medida de um tipo expressivo, a clareza, em pontos tipográficos, entre as faces anterior e posterior de um tipo (Corresponde à altura do desenho da letra, acrescida da entrelinha original existente no caráter tipográfico.) (uma letra em c. dez) 29.1 p. ext. *GRAF* tamanho da letra, ger. expressivo das tipografias convencionadas a partir dos sistemas Didot ou Fournier 30 GRAF espessura, expressa em pontos, das linhas tipográficas em geral (fios, vinhetas, entrelinhas etc.) 31 ORN ornamental ou simbólica que acompanha as palavras de divisa 32 JUR o indivíduo físico e juridicamente considerado, sem seus bens e haveres (a sentença judicial determinou a separação do indivíduo do conjunto de leis, dispositivos, ementas etc. sobre determinado assunto (c. de leis de proteção ao menor desamparado) 34 MIL parte ger. essencial de uma força armada (c. de cavalaria) 35 MIL parte principal de uma fortificação 36 MUS compartimento oco que tem a função de ampliar o som das cordas em certos instrumentos; caixa de ressonância (o c. de um violão) 37 NUMS conjunto de figuras representativas em uma moeda 38 PAP volume e espessura de papel 39 POL o Estado (conjunto), em sentido amplo 40 PSC parte principal de uma armação de pesca 41 REL a forma a ser supostamente assumida pelo ser humano após a ressurreição dos mortos, quando do Juízo Final 42 TEC parte de um equipamento perfurante, como a broca, situada entre os gumes cortantes e o cabo 43 VEST parte da roupa que cobre o tronco (um vestido com c. justo) - c. aberto REL corpo vulnerável à influência de males (físicos ou morais); corpo sem proteção - p. opos. a *corpo fechado* - c. astral OCT REL em teosofia, contraparte sutil do corpo humano que o acompanha em vida, raro dele se separando, e que sobrevive à morte - c. caloso ANAT estrutura mediana do cérebro constituída de fibras nervosas que reúnem os dois hemisférios cerebrais, permitindo que um deles exerça ação excitante ou inibidora sobre o outro; mesolobo, mesolobo - c. cavemoso do clitoris ANAT cada uma das duas colunas paralelas de tecido erétil que formam o corpo do clitoris - c. ca- vemoso do pênis ANAT cada uma das duas colunas paralelas de tecido erétil que formam a parte dorsal do corpo do pênis e que possibilitam a ereção ao se encherem de sangue - c. celeste 1 ASTR massa de matérias existentes no espaço; corpo sideral 2 REL teoria segundo a qual Cristo era desprovido de corpo terrestre, sendo transfiguração do filho de Deus no ventre de Maria - c. celular CIT porção central do neurônio, onde está contido o núcleo; soma - c. cetônico BIOQ substância produzida no processo de degradação

seu corpo revela algo a alguém ninguém - movimento

seu corpo revela algo a alguém ninguém - movimento

38

pele sem. substv. do part. do v. *cuerpear* 'evitar choque com alguém, afastar-se de algo', registrado por Corominas (s.v. *cuerpo*) como voc. argentino; ver *corp(or)*.

corpete /f. s.m. (v. 1.º) VEST 1 parte superior da indumentária feminina, per. jaqueta ou blusa, de corte ajustado, com comprimento do colo até a cintura; corpinho, conselito 2 colete feminino; bolero (jaqueta curta) 3 roupa íntima feminina que modela o busto e sustenta os seios; sutiã 4 ETIM it. *corpetto* (a1712) jaleco, corpete (a1886) parte superior da roupa feminina, aderente ao corpo; ver *corp(or)* 5 SIN/VAR colete, corpinho, conselito, vasquim, ver tb. sinonímia de *sutiã*.

corpinho /f. s.m. (v. 1.º) VEST 1 corpo de pequenas proporções 2 VEST m.q. CORPETE (parte superior) 3 VEST RA MG m.q. SUTIã 4 ETIM *corp* + *inho*; ver *corp(or)* 5 SIN/VAR ver sinonímia de *sutiã*.

corpo /f. s.m. (v. 1.º) 1 ANAT a estrutura física de um ser vivo (esp. o homem e o animal) englobando suas funções vitais; parte concreta, material dos seres 2 ANAT HUMANA 1 conjunto de partes que compõem o organismo 2 conjunto formado por cabeça, membros 3 p. ext. o tronco, a parte central da estrutura de um homem ou animal, excluindo os membros inferiores e a cabeça (tinha o c. atarracado) (o cão tinha o c. manchas pretas e as patas brancas) 4 p. ext. complexão 5 quem; estatura, robustez (era ainda um rapaz mas já tinha forma física perfeita, segundo padrões estabelecidos p. de em determinada época (após várias sessões de ginástica)) 6 p. met. a superfície do corpo; pele (roçou sua 7 fig. a materialidade do ser; tudo o que se refere a suas necessidades físicas de alguém (optou pelos prazeres do do transcendência)) 7 p. op. a alma 8 euf. m.q. CADAVER (to) (o c. do ator será enterrado amanhã) 9 p. ana. a substância, tudo o que ocupa lugar; tudo o que tem existência 10 intensão no espaço (c. gasoso) (c. líquido) (c. sólido) 10 p. subst. o principal de uma estrutura material ou abstrata (uma edificação) (o c. de uma obra literária) (um c. de ideias) 11 cia, densidade, viscosidade de matéria fluida (com o c. de uma tinta adquiriu c.) (acrescentou ingredientes até que o molho ganhou c.) 12 fig. o que possui carnalidade, concretude (seus sonhos tinham c.) 13 fig. algo que incorpora, abraça ou propicia concreção (a política ecológica poderá, no futuro, dar c. a um mundo mais importante real; realce, destaque (o jornal deu c. às ações da na Europa oriental) 15 conjunto de profissionais com especialização (c. de médicos) 15.1 grupo ou subgrupo no interior de uma estrutura profissional, cultural, educacional, militar etc., regido por interesses ou objetivos comuns e que assume, embora não necessariamente, certo caráter corporativo (c. docente da universidade) 16 ACS intensidade ou volume de um som (tem bela c. a voz desse tenor) 17 ADM pol. agregação de indivíduos, ger. de uma mesma instituição, que exercem um mesmo ofício ou apresentam alguma vinculação em função de interesses comuns; corporação (c. diplomática) (c. de auditores fiscais) (c. de funcionários públicos) 18 AER ASTRON. parte principal de aeronave e de qualquer outro engenho aeroespacial; fuselagem 19 ALG anel cujos elementos, à exceção do zero aditivo, têm inverso multiplicativo 20 ANAT parte do osso esterno 21 ANAT formação anatômica, embriológica ou histológica com forma, estrutura e função variadas (c. geniculado) (c. candelado) 22 ARQ CONSTR. a parte central de uma edificação 23 ART. PLAST. em uma ilustração, desenho ou pintura, a área central ou principal (o c. do desenho era bastante colorido) 24 BIBL. jur. parte principal de um livro, relatório, monografia, matéria jornalística ou de qualquer texto, excluídas as partes extratextuais e complementares 25 CALG parte cheia ou central do desenho de uma letra, que se distingue das hastes 26 ENC m.q. MULO 27 ENOL característica do vinho que conjuga extrato seco e azedado ao seu teor alcoólico, fazendo-se sentir na boca de modo equilibrado e agradável (um Barco Velho de soberbo c.) 28 GEO massa de água separada e individualizada como, p. ex., um lago 29 GRAF medida de um tipo expressa pela distância, em pontos tipográficos, entre as faces anterior e posterior de um tipo [Corresponde à altura do desenho da letra, acrescida da entrelinha original existente no caráter tipográfico.] (um texto composto em c. dez) 29.1 p. ext. GRAF tamanho da letra, ger. expresso em medidas tipográficas convencionadas a partir dos sistemas Didot ou Fournier 30 GRAF espessura, expressa em pontos, de materiais tipográficos em geral (fios, vinhetas, entrelinhas etc.) 31 HER. figura ornamental ou simbólica que acompanha as palavras de divisa 32 JUR o indivíduo física e juridicamente considerado, sem seus bens e haveres (a sentença judicial determinou a separação de corpos) 33 JUR conjunto de leis, dispositivos, ementas etc. sobre determinado assunto (c. de leis de proteção ao menor desaparecido) 34 MIL parte ger. essencial de uma força armada (c. de cavalaria) 35 MIL parte principal de uma fortificação 36 MÚS compartimento ou que tem a função de ampliar o som das cordas em certos instrumentos; caixa de ressonância (o c. de um violão) 37 NÚM conjunto de figuras representadas em uma moeda 38 PAP volume e espessura de papel 39 POL o Estado (conjunto), em sentido amplo 40 PSC parte principal de uma armação de pesca 41 REL a forma a ser supostamente assumida pelo ser humano após a ressurreição dos mortos, quando do Juízo Final 42 TTC parte de um equipamento perfurante, como a broca, situada entre os gumes cortantes e o cabo 43 VEST parte da roupa que cobre ou veste o tronco (um vestido com c. justo) 44 c. aberto REL corpo vulnerável à influência de males (físicos ou morais); corpo sem proteção 45 p. op. a *corpo fechado* 46 c. astral OCT. rel. de teosofia, contraparte sutil do corpo humano que o acompanha em vida, raro dele se separando, e que sobrevive à morte 47 c. caloso ANAT estrutura mediana do encéfalo constituída de fibras nervosas que reúnem os dois hemisférios cerebrais, permitindo que um deles exerça ação excitante ou inibidora sobre o outro; mesolobo, mesólobo 48 c. cavernoso do clitoris ANAT cada uma das duas colunas paralelas de tecido erétil que formam o corpo do clitoris 49 c. ca. vermoso do pênis ANAT cada uma das duas colunas paralelas de tecido erétil que formam a parte dorsal do corpo do pênis e que possibilitam a ereção ao se encherem de sangue 50 c. celeste 1 ASTR massa de matérias existentes no espaço; corpo sideral 2 REL teoria segundo a qual Cristo era desprovido de corpo terrestre, sendo transfiguração do filho de Deus no ventre de Maria 3 c. celular CIT. porção central do neurônio, onde está contido o núcleo; soma 4 c. cetônico BIOQ substância produzida no processo de degradação

das gorduras no organismo 5 c. cilíndrico ANAT a parte mais espessa da túnica vascular do olho, entre a coróide e a íris, e que consiste em três partes: a zona orbicular, a zona da coróide e a zona do músculo ciliar 6 c. cinzento FIS corpo cuja emissão de radiação a uma dada temperatura é uma fração constante da emissão de radiação de um corpo negro num dado comprimento de onda para todos os comprimentos de onda 7 c. da batalha MIL a parte de um exército em combate entre a vanguarda e a retaguarda 8 c. da (de) guarda ou de guarda MIL 1 conjunto de soldados e oficiais encarregados da guarda de instalações e bens militares 2 p. met. local onde esse conjunto fica alojado 9 c. da igreja 1 ARQ REL m.q. NAVE (espaço central) 2 fig. REL conjunto de fiéis de uma religião 3 fig. REL conjunto de bens materiais de uma religião 4 c. de baile BAL. con-

(tiro, mordida, p. ex.) 2 CE tomar bebida alcoólica sob a alegação de imunizar o corpo a doenças 3 feito em c. único, agrupado 4 fur-tar o c. deslocar o corpo a fim de evitar um golpe; negar o corpo; tirar o corpo fora (desviar-se) 5 ganhar c. *infrm.* m.q. TOMAR CORPO 6 malfeito de c. 8 falta de formas físicas harmônicas ou belas 9 negar o c. m.q. FURTAR O CORPO 10 quebrar o c. *tab.* defecar, evacuar 11 sem c. *fig.* magro, mófio (doentio) 12 tirar o c. (fora) *infrm.* 1 desviar-se de um golpe ou livrar-se de um ataque; furtar o corpo; negar o corpo 2 fugir, omitir-se relativamente a certo pedido, compromisso ou obrigação; eximir-se de fazer, ajudar, agir etc. 3 tomar c. 1 crescer, engordar, encorpar; botar corpo, ganhar corpo, deitar corpo, criar corpo (o menino tomou c. de adulto) 1.1 adquirir (o corpo) formas adultas; botar corpo, ganhar corpo, deitar corpo, criar corpo, criar corpo 1.2 adquirir consistência, densidade; ganhar corpo, criar corpo (o menino tomou c.) 3 fig. espalhar-se, difundir-se; criar corpo, ganhar corpo (o boato tomou c. e dele todos tomaram cor-)

hist. 1344 real, sXIV rrial, sXIV rrayaas 2 PAR ver 'real'

real /adj. 2g. (1422 cf. RLor) 1 relativo ao que é concreto (apresente o orçamento r. e não uma mera suposição) 2 que existe realmente; verdadeiro (vida r.) 2.1 relativo a ou próprio das preocupações ou atividades diárias e rotineiras (precisa sair da real) 3 que não é falso, ilusório ou artificial (é genuíno (esta é a r. versão dos fatos) (diga logo qual a situação r.) 4 ECON diz-se do valor inscrito em moeda, título, ação, ou de salário, contrato etc., já deflacionado (custo r.) 5 p. op. a nominal 5 JUR que se refere a bem móvel ou imóvel (ação r.) (entrega s.m. 6 fato verdadeiro; realidade (o r. que você está sem emprego) 7 JUR o que é material, que existe de fato, relativo aos bens e não às pessoas 8 sf. B *infrm.* 8 o que as coisas realmente são; realidade (cair na r.) 9 ETIM b. lat. *realis*, e < res, rei 'coisa material; corpo, criatura'; ver *re(i)*; f. hist. 1422 rrayal, sXV rraes 10 SIN/VAR ver sinonímia de *sincero* e *verdadeiro* 11 ANT aparente, fabulado, fictício, ideal, ilusório, imaginário, imaginoso, irreal, so-

phisticado 12 consistência, densidade; ganhar corpo, criar corpo (o menino tomou c.) 3 fig. espalhar-se, difundir-se; criar corpo, ganhar corpo (o boato tomou c. e dele todos tomaram cor-)

nhado suposto; ver tb. antonímia de *sincero* e *verdadeiro* 12 PAR ver 'real'

hist. 1344 real, sXIV rrial, sXIV rrayaas 2 PAR ver 'real'

real /adj. 2g. (1422 cf. RLor) 1 relativo ao que é concreto (apresente o orçamento r. e não uma mera suposição) 2 que existe realmente; verdadeiro (vida r.) 2.1 relativo a ou próprio das preocupações ou atividades diárias e rotineiras (precisa sair da real) 3 que não é falso, ilusório ou artificial (é genuíno (esta é a r. versão dos fatos) (diga logo qual a situação r.) 4 ECON diz-se do valor inscrito em moeda, título, ação, ou de salário, contrato etc., já deflacionado (custo r.) 5 p. op. a nominal 5 JUR que se refere a bem móvel ou imóvel (ação r.) (entrega s.m. 6 fato verdadeiro; realidade (o r. que você está sem emprego) 7 JUR o que é material, que existe de fato, relativo aos bens e não às pessoas 8 sf. B *infrm.* 8 o que as coisas realmente são; realidade (cair na r.) 9 ETIM b. lat. *realis*, e < res, rei 'coisa material; corpo, criatura'; ver *re(i)*; f. hist. 1422 rrayal, sXV rraes 10 SIN/VAR ver sinonímia de *sincero* e *verdadeiro* 11 ANT aparente, fabulado, fictício, ideal, ilusório, imaginário, imaginoso, irreal, so-

phisticado 12 consistência, densidade; ganhar corpo, criar corpo (o menino tomou c.) 3 fig. espalhar-se, difundir-se; criar corpo, ganhar corpo (o boato tomou c. e dele todos tomaram cor-)

real /adj. 2g. (1422 cf. RLor) 1 relativo ao que é concreto (apresente o orçamento r. e não uma mera suposição) 2 que existe realmente; verdadeiro (vida r.) 2.1 relativo a ou próprio das preocupações ou atividades diárias e rotineiras (precisa sair da real) 3 que não é falso, ilusório ou artificial (é genuíno (esta é a r. versão dos fatos) (diga logo qual a situação r.) 4 ECON diz-se do valor inscrito em moeda, título, ação, ou de salário, contrato etc., já deflacionado (custo r.) 5 p. op. a nominal 5 JUR que se refere a bem móvel ou imóvel (ação r.) (entrega s.m. 6 fato verdadeiro; realidade (o r. que você está sem emprego) 7 JUR o que é material, que existe de fato, relativo aos bens e não às pessoas 8 sf. B *infrm.* 8 o que as coisas realmente são; realidade (cair na r.) 9 ETIM b. lat. *realis*, e < res, rei 'coisa material; corpo, criatura'; ver *re(i)*; f. hist. 1422 rrayal, sXV rraes 10 SIN/VAR ver sinonímia de *sincero* e *verdadeiro* 11 ANT aparente, fabulado, fictício, ideal, ilusório, imaginário, imaginoso, irreal, so-

phisticado 12 consistência, densidade; ganhar corpo, criar corpo (o menino tomou c.) 3 fig. espalhar-se, difundir-se; criar corpo, ganhar corpo (o boato tomou c. e dele todos tomaram cor-)

real /adj. 2g. (1422 cf. RLor) 1 relativo ao que é concreto (apresente o orçamento r. e não uma mera suposição) 2 que existe realmente; verdadeiro (vida r.) 2.1 relativo a ou próprio das preocupações ou atividades diárias e rotineiras (precisa sair da real) 3 que não é falso, ilusório ou artificial (é genuíno (esta é a r. versão dos fatos) (diga logo qual a situação r.) 4 ECON diz-se do valor inscrito em moeda, título, ação, ou de salário, contrato etc., já deflacionado (custo r.) 5 p. op. a nominal 5 JUR que se refere a bem móvel ou imóvel (ação r.) (entrega s.m. 6 fato verdadeiro; realidade (o r. que você está sem emprego) 7 JUR o que é material, que existe de fato, relativo aos bens e não às pessoas 8 sf. B *infrm.* 8 o que as coisas realmente são; realidade (cair na r.) 9 ETIM b. lat. *realis*, e < res, rei 'coisa material; corpo, criatura'; ver *re(i)*; f. hist. 1422 rrayal, sXV rraes 10 SIN/VAR ver sinonímia de *sincero* e *verdadeiro* 11 ANT aparente, fabulado, fictício, ideal, ilusório, imaginário, imaginoso, irreal, so-

phisticado 12 consistência, densidade; ganhar corpo, criar corpo (o menino tomou c.) 3 fig. espalhar-se, difundir-se; criar corpo, ganhar corpo (o boato tomou c. e dele todos tomaram cor-)

real /adj. 2g. (1422 cf. RLor) 1 relativo ao que é concreto (apresente o orçamento r. e não uma mera suposição) 2 que existe realmente; verdadeiro (vida r.) 2.1 relativo a ou próprio das preocupações ou atividades diárias e rotineiras (precisa sair da real) 3 que não é falso, ilusório ou artificial (é genuíno (esta é a r. versão dos fatos) (diga logo qual a situação r.) 4 ECON diz-se do valor inscrito em moeda, título, ação, ou de salário, contrato etc., já deflacionado (custo r.) 5 p. op. a nominal 5 JUR que se refere a bem móvel ou imóvel (ação r.) (entrega s.m. 6 fato verdadeiro; realidade (o r. que você está sem emprego) 7 JUR o que é material, que existe de fato, relativo aos bens e não às pessoas 8 sf. B *infrm.* 8 o que as coisas realmente são; realidade (cair na r.) 9 ETIM b. lat. *realis*, e < res, rei 'coisa material; corpo, criatura'; ver *re(i)*; f. hist. 1422 rrayal, sXV rraes 10 SIN/VAR ver sinonímia de *sincero* e *verdadeiro* 11 ANT aparente, fabulado, fictício, ideal, ilusório, imaginário, imaginoso, irreal, so-

phisticado 12 consistência, densidade; ganhar corpo, criar corpo (o menino tomou c.) 3 fig. espalhar-se, difundir-se; criar corpo, ganhar corpo (o boato tomou c. e dele todos tomaram cor-)

real /adj. 2g. (1422 cf. RLor) 1 relativo ao que é concreto (apresente o orçamento r. e não uma mera suposição) 2 que existe realmente; verdadeiro (vida r.) 2.1 relativo a ou próprio das preocupações ou atividades diárias e rotineiras (precisa sair da real) 3 que não é falso, ilusório ou artificial (é genuíno (esta é a r. versão dos fatos) (diga logo qual a situação r.) 4 ECON diz-se do valor inscrito em moeda, título, ação, ou de salário, contrato etc., já deflacionado (custo r.) 5 p. op. a nominal 5 JUR que se refere a bem móvel ou imóvel (ação r.) (entrega s.m. 6 fato verdadeiro; realidade (o r. que você está sem emprego) 7 JUR o que é material, que existe de fato, relativo aos bens e não às pessoas 8 sf. B *infrm.* 8 o que as coisas realmente são; realidade (cair na r.) 9 ETIM b. lat. *realis*, e < res, rei 'coisa material; corpo, criatura'; ver *re(i)*; f. hist. 1422 rrayal, sXV rraes 10 SIN/VAR ver sinonímia de *sincero* e *verdadeiro* 11 ANT aparente, fabulado, fictício, ideal, ilusório, imaginário, imaginoso, irreal, so-

phisticado 12 consistência, densidade; ganhar corpo, criar corpo (o menino tomou c.) 3 fig. espalhar-se, difundir-se; criar corpo, ganhar corpo (o boato tomou c. e dele todos tomaram cor-)

real /adj. 2g. (1422 cf. RLor) 1 relativo ao que é concreto (apresente o orçamento r. e não uma mera suposição) 2 que existe realmente; verdadeiro (vida r.) 2.1 relativo a ou próprio das preocupações ou atividades diárias e rotineiras (precisa sair da real) 3 que não é falso, ilusório ou artificial (é genuíno (esta é a r. versão dos fatos) (diga logo qual a situação r.) 4 ECON diz-se do valor inscrito em moeda, título, ação, ou de salário, contrato etc., já deflacionado (custo r.) 5 p. op. a nominal 5 JUR que se refere a bem móvel ou imóvel (ação r.) (entrega s.m. 6 fato verdadeiro; realidade (o r. que você está sem emprego) 7 JUR o que é material, que existe de fato, relativo aos bens e não às pessoas 8 sf. B *infrm.* 8 o que as coisas realmente são; realidade (cair na r.) 9 ETIM b. lat. *realis*, e < res, rei 'coisa material; corpo, criatura'; ver *re(i)*; f. hist. 1422 rrayal, sXV rraes 10 SIN/VAR ver sinonímia de *sincero* e *verdadeiro* 11 ANT aparente, fabulado, fictício, ideal, ilusório, imaginário, imaginoso, irreal, so-

phisticado 12 consistência, densidade; ganhar corpo, criar corpo (o menino tomou c.) 3 fig. espalhar-se, difundir-se; criar corpo, ganhar corpo (o boato tomou c. e dele todos tomaram cor-)

MUNDO INSCRITO EM CORPO INSCRITO EM MUNDO

mundo inscrito em corpo
corpo inscrito em mundo

real
mundo inscrito em corpo
corpo inscrito em mundo

Bibliografia:

CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de. *Mallarmé*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991, 3ª ed.

CARSON, Anne. *Autobiografia do vermelho*. São Paulo: Editora 34, 2021.

CARSON, Anne. *Eros: o doce-amargo: um ensaio*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

CARVALHO G.B.; DAMASIO A. Interoception and the origin of feelings: A new synthesis. *Bioessays*. 2021 Jun;43(6):e2000261. doi: 10.1002/bies.202000261. Epub 2021 Mar 24. PMID: 33763881.

DAMASIO A; DAMASIO H. 2024 Sensing, feeling and consciousness. *Phil. Trans. R. Soc. B* 379: 20230243. <https://doi.org/10.1098/rstb.2023.0243>

DAMASIO A.; CARVALHO GB. The nature of feelings: evolutionary and neurobiological origins. *Nat Rev Neurosci*. 2013 Feb;14(2):143-52. doi: 10.1038/nrn3403. PMID: 23329161.

DAMASIO A.; DAMASIO H. Feelings Are the Source of Consciousness. *Neural Comput*. 2023 Feb 17;35(3):277-286. doi: 10.1162/neco_a_01521. PMID: 35896152.

DELEUZE, Gilles. "Os intercessores" In *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, pp. 151-168.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

De HAAN, S. (2021) Bio-psycho-social interaction: an enactive perspective. *International Review of Psychiatry*, 33:5, 471-477, DOI: 10.1080/09540261.2020.1830753

DI PAOLO, E.; BUHRMANN, T.; BARANDIARAN, X. *Sensorimotor Life: An enactive proposal* (Oxford, 2017; online edn, Oxford Academic, 22 June 2017), <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780198786849.001.0001>, acessado em 15 de julho de 2025.

HOUAISS, Antônio; VILAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

IOP. Soft matter physics, 2025. <https://www.iop.org/explore-physics/big-ideas-physics/soft-matter-physics>, acessado em 5 de abril de 2025.

KRENAK, Ailton. *Ideais para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a, 2ª ed.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

KRAUTH, Nigel. 2008. "The Body in Coupled Action': Writers as Becoming-Animals." *TEXT* 12 (2): 1–9. <https://doi.org/10.52086/001c.31723>. <https://textjournal.scholasticahq.com/article/31723-the-body-in-coupled-action-writers-as-becoming-animals>, acessado em 12 de julho de 2025.

LARROSA, Jorge. "Ferido de realidade e em busca de realidade. Notas sobre as linguagens da experiência" In *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

LEMINSKI, Paulo. *Toda Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LORDE, Audre. *Uses of the Erotic: The Erotic as Power* In: *Sister outsider: essays and speeches*. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. p. 53-59. Tradução de Tate Ann.

POPOVA, Y.B.; RAÇASZEK-LEONARDI, J. (2020) Enactivism and Ecological Psychology: The Role of Bodily Experience in Agency. *Front. Psychol.* 11:539841. doi: 10.3389/fpsyg.2020.539841

READ, C.; SZOKOLSZKY, A. (2020) Ecological Psychology and Enactivism: Perceptually-Guided Action vs. Sensation-Based Enaction. *Front. Psychol.* 11:1270. doi: 10.3389/fpsyg.2020.01270

RUDRAUF, D.; LUTZ, A.; COSMELLI, D.; LACHAUX, J.P.; LE VAN QUYEN, M. From autopoiesis to neurophenomenology: Francisco Varela's exploration of the biophysics of being. *Biological Research* 36: 27-65, 2003.

STAMENOVIC, Dimitrije; INGBER, Donald E. Tensegrity-guided self assembly: from molecules to living cells In *Soft Matter*, vol. 5, n.6. 2009, pp. 1137–1145. DOI: 10.1039/b806442c, www.rsc.org/softmatter.

VALENCIA, Ana L. Is embodied cognition still dualist? In *Beyond solipsism*, março de 2024. <https://postcognitivism.wordpress.com/2024/03/11/is-embodied-cognition-still-dualist/>, acessado em 12 de julho de 2025).

ZAMBRANO, Maria. "Porque se escreve" In *A Metáfora do Coração e outros escritos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.